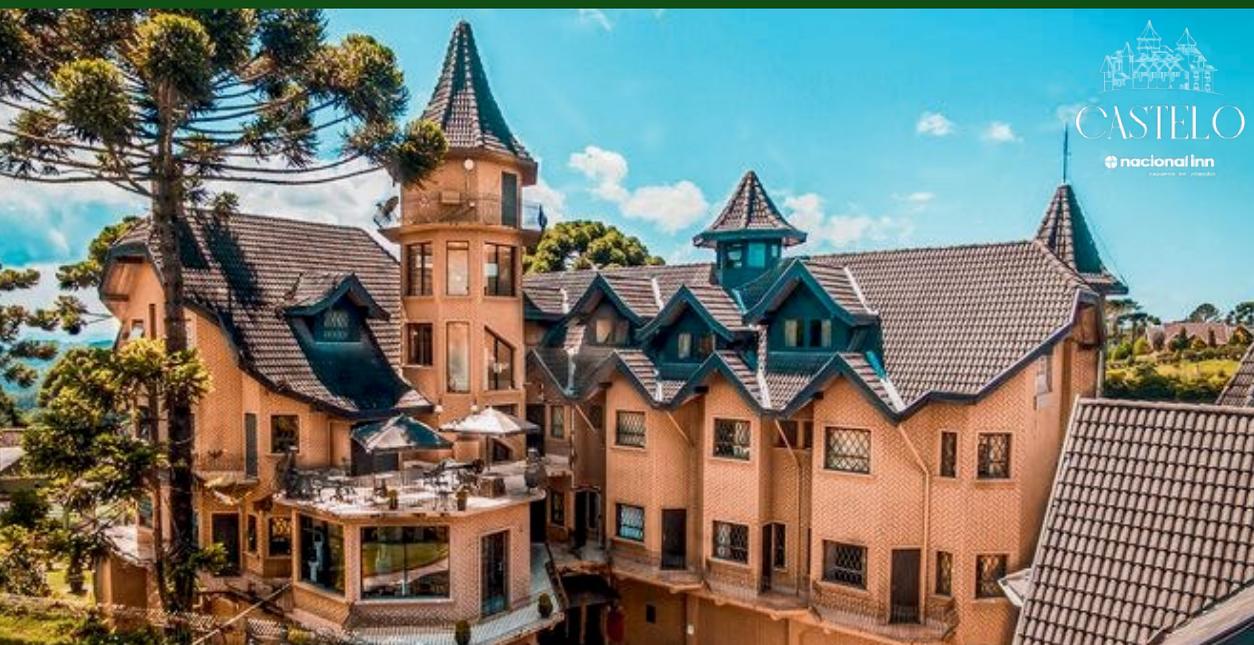


CARTA DO
LIBANO

EDIÇÃO ESPECIAL

**ROBERTO
DUAILIBI**

**PUBLICITÁRIO, ESCRITOR,
PROFESSOR DE VIDA.
PENSAMENTO E AÇÃO
EM ESTADO DE ARTE**



HOTEL nacionalinn CAMPOS DO JORDÃO

Telefone (12) 3663-3887

WhatsApp (12) 3663-3577

www.nacionalinn.com.br reservas1@castelonacionalinn.com.br

Endereço: Rua Joaquim Pinto Seabra, 208, Vila Everest Campos do Jordão | 12460-003

Solicite sua reserva diretamente com o hotel e garanta tarifas especiais!

Telefone (12) 3662-4338

WhatsApp (12) 99712-8997

www.nacionalinn.com.br reservas1@castelonacionalinn.com.br

Endereço: Rua Roberto Pistrak Nemirovsky, 148, Alto Boa Vista Campos do Jordão | 12460-000

CARTA DO LIBANO

EDITORA CARTA LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 500,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
ROBERTO DUAILIBI
FOTO
ERNESTO EILERS

EDITORIAL

A INTEGRIDADE É UM PILAR DO SUCESSO

Esse breve relato é poderoso, uma verdadeira aula de ética e integridade. Ao recusar uma proposta que feria seus princípios, mesmo diante de uma perda significativa, Roberto Duailibi revelou não apenas firmeza de caráter, mas também uma rara coerência entre discurso e prática. Ele não apenas falava sobre valores, mas os vivia.

Certo dia, ele me convidou para almoçar em um restaurante italiano. Enquanto esperávamos nossa refeição, ele olhou para mim e disse: “Quero te contar uma coisa que você deve saber”.

Roberto contou que, certa vez, recebeu a ligação de um alto funcionário do governo, que pediu para que ele preparasse um jantar em sua própria casa, pois gostaria de tratar de um assunto de negócios. Roberto ligou imediatamente para casa e informou que teria um convidado ilustre para o jantar daquela noite.

Durante o encontro, o ilustre visitante pediu uma colaboração de R\$ 20 milhões para o seu partido, alegando que a DPZ “é responsável pelas contas de publicidade do governo federal”.

A resposta de Roberto foi clara: “A DPZ não oferece dinheiro, pois não é de suas normas, mas pode colaborar com material para campanhas eleitorais”. Uma semana depois, ele foi informado de que as contas do governo haviam sido canceladas e encerradas.

Assim ele valorizou ainda mais sua reputação e a do grupo DPZ, como empresa ética além do lucro imediato ou da manutenção de um cliente poderoso.

Roberto não apenas recusou a proposta, como também aceitou as consequências — a perda de uma conta importante — sem se desviar de seus valores.

Como líder de uma das maiores agências de publicidade do país, sua postura serviu (e ainda serve) de inspiração para os profissionais que acreditam que a integridade é um pilar do sucesso.

Histórias como essa são um lembrete de que o verdadeiro legado de Roberto Duailibi não está apenas em suas conquistas, mas na forma como as alcançou.



FOUAD NAIME EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

SUMÁRIO

ANO 30 • NÚMERO 209 • 09 & 10.2025

CARTA DO
LIBANO

08 | Despedida a Roberto Duailibi

Academia Paulista de Letras celebra Roberto Duailibi. Em um ato marcado por saudade e emoção, acadêmicos, familiares e amigos prestaram a última homenagem ao superlativo publicitário, escritor e pesquisador que partiu aos 89 anos

18 | A vida e obra de Roberto Duailibi

compõem uma aventura rica, plural, humanista, generosa e inspiradora

30 | Roberto Duailibi na APL

No dia 20 de agosto de 2015, Roberto Duailibi tornou-se membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira 21. Em seu discurso de posse, que reproduzimos a seguir, ele honrou a memória dos antecessores, saudou confrades e congreiras da instituição. Finalmente falou da própria trajetória

Depoimentos de pessoas em diferentes esferas da vida, como acadêmicos, colegas e amigos

40 | Antonio Penteadó Mendonça

42 | José Renato Nalini

44 | Gabriel Chalita

46 | Flavio Conti

48 | Carlos Leão

50 | Eleno Mendonça

52 | Rubens Hannun

54 | Ronaldo Rangel

57 | Duílio Malfatti

58 | Silvia Antibas

61 | João Carlos Silva

62 | Entre Aspas



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 500 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0061 • CONTA CORRENTE 98776-4

**Quando tudo se
transforma, o que
realmente importa
permanece.**

A nossa solidez, excelência em
investimentos e dedicação dos
nossos especialistas para entender
você são parte da nossa história.
Uma história de quem sabe.

QUEM SABE, SAFRA.



DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI



In memoriam:
No encontro da APL houve a exibição do vídeo realizado por Roberto Zanotto Duailibi, contando um pouco da trajetória do avô



Cerimônia do adeus: Acadêmicos, familiares e amigos se reuniram em torno das lembranças e do legado de Roberto Duailibi

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS CELEBRA ROBERTO DUAILIBI

Em um ato marcado por saudade e emoção, acadêmicos, familiares e amigos prestaram a última homenagem ao superlativo publicitário, escritor e pesquisador que partiu aos 89 anos

Na tarde do dia 7 de agosto passado, precisamente às 17h, um encontro na Academia Paulista de Letras prestou homenagem a um de seus mais queridos e proeminentes membros, o publicitário, escritor e pesquisador Roberto Duailibi, morto no último dia 18 de julho.

A reunião se deu de forma híbrida - presencial e remota - e contou com a participação de: Antonio Pentead de Mendonça, José Renato Nalini, Gabriel Chalita, Synésio Sampaio Goes Filho, Júlio Medaglia, Marcio Scavone, Eugênio Bucci, José Pastore, Raul Cutait, Maria Adelaide Amaral, dom Fernando Antonio Figueiredo, Raul Marino Júnior, Rubens Barbosa e Mary del Priore. Também presentes os familiares de Duailibi: seu filho Rubem Duailibi, sua nora Vittoria Zanotto e os netos Roberto e Alessandra. Além do amigo Fouad Naime.

Como presidente do encontro, o acadêmico Antonio Pentead de Mendonça iniciou a homenagem: “Hoje é a Sessão Saudade de Roberto Duailibi” e ressaltou que o amigo era uma pessoa maravilhosa, merecedor da homenagem de todos, por conta de uma generosidade imensa, de uma compreensão e de uma compaixão impressionantes.

Prosegiu Mendonça: “Roberto foi uma pessoa

“Ele sempre tinha uma decisão calma. Achava uma solução simples que era a mais viável”

Antonio Pentead de Mendonça



José Pastore, sociólogo e professor



Marcio Scavone, fotógrafo



Alessandra, neta de Roberto Duailibi



Maria Adelaide Amaral, escritora e dramaturga



Dom Fernando Figueiredo, bispo emérito de Santo Amaro

maravilhosa com a Academia e também com a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, como Irmão Mesário. Tudo que podia fazer, ele fez e com muita boa vontade. Fazia acreditando. Para ele, ser generoso não era um sacrifício. Ele era como um mecenas renascentista que cuidava do todo”.

Salientou ainda que sobre Duailibi só se pode falar coisas boas, bonitas e engrandecedoras. “Ele sempre tinha uma solução calma. Não se exaltava nem se desesperava e achava uma solução simples, que normalmente era a mais viável de todas porque determinada pela situação”.

AS PALAVRAS DOS CONFRADES

A seguir, Mendonça passou a palavra para o secretário geral da APL, José Renato Nalini, que citou o artigo que escreveu sobre Roberto Duailibi - publicado no blog de Fausto Macedo, no portal do “Estadão” - logo que soube da sua partida. Nalini reiterou as palavras do presidente, pois é testemunha das necessidades que esta Academia tem, “umas pequenas, outras maiores”. E lembrou que são 40

membros: “...mas poucos têm a generosidade de dar de si algum bem material. Devemos a Duailibi toda a recomposição da nossa louça, as publicações feitas pelo editor Fouad Naime (de “Carta do Líbano”) e muitos outros gestos anônimos, pois ele não era uma pessoa de se mostrar. Fazia questão de entregar o distintivo para cada acadêmico que entrava, sempre de maneira discreta e generosa, o que não é comum em uma instituição de 40 egos. Então, Roberto é um exemplo de como os

“Torço para que os acadêmicos que venham tenham um pouco de Roberto Duailibi em seu DNA”

José Renato Nalini

acadêmicos deveriam ser. Quando você ingressa em uma instituição - que chama seu par de confrade ou confrreira, quer dizer irmão - não é muito fácil fazer com que haja fraternidade. Além da generosidade no campo material, ele era de bondade no convívio. Sempre de bom humor, que ele não perdeu sequer nos momentos em que já estava vendo suas forças se esvaírem. Ele sempre tinha uma palavra amável ou citava uma frase espirituosa. Roberto encontrava uma palavra pitoresca para cada acontecimento e deixou esse legado. Vamos lembrar sempre dele, daquela presença, daquela serenidade, mesmo diante de infelicidades”.

Nalini lembrou que Duailibi lhe confidenciou muita coisa que o estava deixando triste e que talvez tenha apressado sua morte, “porém sempre foi extremamente generoso ao partilhar conosco somente as coisas boas. Torço para que os acadêmicos que venham tenham um pouco de Roberto Duailibi em seu DNA”.

Gabriel Chalita destacou: “Roberto Duailibi era uma pessoa muito especial, tinha muito

entusiasmo”. Contou como se conheceram ao participarem do conselho do Fundo Social de Solidariedade, juntamente com a ex-primeira-dama do estado, Lu Alckmin. “Ele era uma pessoa de bondade, de criatividade, de olhar de ser humano, de olhar de mundo. De humildade, de simplicidade, de uma grandeza imensa. Quando chegou na Academia, observou tudo o que podia comunicar melhor, tudo o que podia ser simbólico, na dimensão do simbólico como algo fundamental para a comunicação. E tinha muito entusiasmo. Já utilizando o balão de oxigênio, ele ainda brincava e sorria. Seu amor pela vida era extraordinário. Roberto fará muita falta. Mas, bendito seja o inventor da memória, pois podemos lembrar dele o tempo todo. Do seu sorriso, do seu jeito, do seu companheirismo, da sua delicadeza. Hoje, em um mundo tão marcado pelo egoísmo, Roberto ia ao encontro do outro, era voz do outro. Ele tinha essa delicadeza tão essencial”.

A historiadora Mary del Priore destacou que gostaria de celebrar o “cidadão brasileiro



Eugênio Bucci, jornalista



Roberto Zanotto Duailibi,
neto de Roberto Duailibi



Rubem Duailibi, filho de Roberto Duailibi



Antonio Penteadó Mendonça,
presidente da APL

internacional Roberto Duailibi”. Falou da sua importância nos anos 70, 80; com todas as medalhas que trouxe para o setor da propaganda no País. Sua capacidade de comunicação com as emergentes classes C e D nesses anos foi de suma importância. Sublinhou ainda, que em dois eventos que a Academia realizou no ano passado - e, como bem salientou o confrade Nalini, precisamos da participação cada vez mais de todos - “Roberto Duailibi, com seu balão de oxigênio, esteve entre nós. Abraçou todos os participantes, recebeu professores, bibliotecários e jovens estudantes, com vitalidade, jovialidade e elegância”. Segundo a acadêmica, Roberto Duailibi é um homem insubstituível. Como cidadãos e brasileiros que somos devemos chorar muito essa partida com muita dor”.

Mary del Priore exaltou a serenidade do confrade, algo muito precioso para ele. “Essa serenidade que encontramos em Deus porque Ele é a plenitude da serenidade, que todos nós desejamos e que nos envolve, que nos eleva e nos transforma. E que todos nós, sem dúvida, víamos em Duailibi. Nós

agradecemos a Deus pela sua vida e por tudo o quanto ele foi, e que agora ele seja agraciado por essa bondade infinita. Que Duailibi interceda por nós e nós, unidos, elevemos nossa prece na infinita serenidade de Deus”.

Eugênio Bucci chamou atenção para “este momento difícil para todos nós”. Lembrou que na missa de sétimo dia do confrade usou o pin que recebeu de Duailibi ao ingressar na Academia, no ano passado. “Uma homenagem secreta, íntima”, declarou. Lembrou ainda que, há 40 anos, quando começou a assinar textos na imprensa, recebeu um telefonema de Roberto Duailibi, o convidando para um almoço - um acontecimento que o jornalista nunca esqueceu, um marco de vida.

“No Brasil, nós todos sabemos, a usina de grandes ideias que é a publicidade. E todo mundo que contava passava pela (agência) DPZ. A DPZ foi escola de muita gente; muita gente deve a carreira à DPZ e ao Duailibi”, disse. Falou da ansiedade por aquele almoço e como Duailibi simplesmente o ouviu, queria escutá-lo, saber o que ele pensava. Aquilo

o impressionou demais. “Tudo o que foi dito aqui é muito bonito e a minha lembrança principal é desse almoço, pela atenção generosa e pela conversa fascinante”.

Maria Adelaide Amaral observou que todos têm muita coisa para contar sobre Duailibi. Recordou que em um de seus últimos encontros, disse que quando crescer queria ser igual a ele. E o que mais a impressionava no amigo, além de todas as suas qualidades intelectuais, era a vivacidade, a curiosidade, a lucidez, o bom humor e sua beleza. “Ele era um homem muito bonito”. Afirmou que Duailibi, sozinho, “era a memória da propaganda brasileira e muito mais”, pois conhecia a história e grande parte dessa história ela também viveu. “O que eu mais achava extraordinário era a capacidade dele de nos encantar e de nos fazer melhores. Porque onde ele entrava, melhorava tudo ao redor. Ele emanava uma energia boa e a melhor impressão. Ele tinha uma alma fabulosa”. Guardarei dele as melhores lembranças. Roberto tinha um prazer enorme em conversar com todos da Academia e

ouvir todas as nossas histórias”.

O maestro Júlio Medaglia observou que pessoas como Roberto Duailibi têm uma alma de uma tal dimensão, não só pelo que ele tem dentro de si, mas como sabe enxergar o mundo. “Tudo que ele fazia tinha um toque de inteligência e generosidade”. Contou que conheceu Duailibi em seu primeiro trabalho no Brasil, no espetáculo teatral “Isto Devia Ser Proibido”, com o casal de atores Cacilda Becker e Walmor Chagas. “Foi

“Ele era um homem muito bonito. Era a memória da propaganda brasileira e muito mais”

Maria Adelaide Amaral



Fouad Naime, jornalista editor de Carta do Líbano



Gabriel Chalita, escritor e político



Confrades, familiares e amigos reunidos para a homenagem a Roberto Duailibi

Roberto Duailibi quem conseguiu o patrocínio. Tudo o que ele produzia tinha um toque de ousadia e grandiosidade, sua visão criativa era fantástica. A partir de suas ideias, introduziu-se a inteligência na publicidade brasileira”.

Foi o maestro quem teve a honra de fazer o discurso de saudação quando Duailibi ingressou na Academia. “Sempre vamos sentir sua presença. Discreta, mas com uma profunda capacidade de mexer com nossas emoções, nossas ideias e nosso coração. Sua presença estará o tempo todo, de alguma forma, entre nós!”.

José Pastore evidenciou a perda de um grande amigo. “Ele estava lutando com a saúde, mas sempre estava presente e participava de modo ativo e inteligente”. Falou do homem que tinha “uma visão crítica bem fundamentada dos problemas do Brasil, pois conhecia a fundo esses problemas. Ao mesmo tempo, sempre saía com uma mensagem positiva porque este país é muito especial”. Pastore testemunhou vários atos de generosidade do amigo. Um deles ao pedir ajuda para a filha de uma amiga,

aprovada em terceiro lugar no vestibular da ESPM, porém sem condições de pagar a alta mensalidade. Duailibi prontamente respondeu que se não conseguisse uma bolsa de estudos junto ao Conselho da escola, ele custearia do próprio bolso. “Essa era a generosidade dele”, disse.

O médico Raul Cutait reiterou que todos estavam reunidos para falar de um amigo em comum, e de sua amizade pessoal de 50 anos.

“Para ele nada era complicado. Quando tivemos

“A história dele é divisora de águas da publicidade no Brasil antes e depois de Roberto Duailibi”

Raul Cutait

o projeto da construção do hospital Sírio Libanês, ele colaborou com o trabalho de arrecadação criando o slogan ‘Nos dê um tijolo e lhe daremos um hospital’”. Cutait lembrou que em todas as vezes que esteve internado, nunca viu Duailibi reclamar. Concluiu sua fala lembrando que se Duailibi não tinha a ideia de ter uma biografia, seu filho deveria pensar em escrevê-la. “A história dele é divisora de águas do que foi a publicidade e a comunicação do Brasil antes e depois de Roberto Duailibi”.

“Roberto Duailibi era um homem doce foi ficando cada vez mais doce”, avaliou o fotógrafo Marcio Scavone, que trabalhou diversas vezes com o confrade e amigo. “A idade faz isso com as pessoas sensíveis”, disse.

Synésio Sampaio fez questão de registrar feitos marcantes de Roberto Duailibi. “Ele praticamente doou um museu inteiro para a Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Centenas de itens, mapas e objetos.

Além de ser um gentleman, uma personalidade solar. Morreu cercado de amor e amizade e isso é uma bela vida. Uma vida admirável. Sua morte é uma perda enorme para a família e para nós que considerámos também sua família”.

A HOMENAGEM DO “PATRÍCIO” E DA FAMÍLIA

O editor Fouad Naime, amigo e patricio de Roberto Duailibi, contou que o conheceu em 1997, quando começou a publicar a revista “Carta do Líbano” em São Paulo. Já no primeiro encontro reconheceu que se tratava de um homem com espírito e mente universais. “Ele dava a mesma importância para os problemas do Oriente Médio quanto para os problemas dos mascates do Mato Grosso do Sul”. Lembrou que durante a pandemia de Covid-19 foi um período que mais produziu, pois Duailibi o aconselhou a não parar. Como ele



Julio Medaglia, maestro



José Renato Nalini, jurista e político



Raul Cutait, médico



Synésio Sampaio Goes Filho, diplomata



Mary del Priore, historiadora e escritora

se encontrava em dificuldades, o amigo conseguiu um anúncio mensal para a publicação. “Esse espírito humano era admirável. Aprendi muito com ele. Simplificava as coisas, dava atenção a todos, mantinha a porta sempre aberta. Por isso deixará saudade eterna”.

O presidente Antonio Penteado Mendonça leu a última mensagem de Roberto Duailibi para a Academia Paulista de Letras, enviada na tarde antes de sua morte.

“Querido presidente: não poderei ir hoje à sessão da Academia Paulista de Letras, pois estou no Hospital Sírio Libanês há quatro dias. Coloquei um stent dentro de um stent - não sei como eu estou vivo. Acho conveniente cancelar minha presença em setembro no (Clube) Paulistano”.

“Vejam a preocupação dele, isso era o Roberto Duailibi”, comentou.

Roberto Zanotto Duailibi, neto de Duailibi, iniciou as falas da família:

“A dedicação dele à Academia foi porque aqui encontrou pessoas iguais a ele. Era uma grande

pessoa, inteligente e generoso. Durante a pandemia aprendeu a usar as plataformas digitais só para acompanhar as sessões virtuais. Era um homem de sucesso, mas ser eleito membro desta Academia foi um de seus maiores orgulhos. A família APL deixou um marco na família Duailibi”.

A neta, Alessandra Zanotto Duailibi, falou da última vez que viu o avô no hospital, quando ele disse estar ótimo e finalmente ter tempo de assistir muita coisa, como os filmes “Napoleão” e

“Era um homem de sucesso, mas ser eleito membro desta Academia foi um de seus maiores orgulhos”

Roberto Zanotto Duailibi

“Babygirl”. Também disse a ela que estava lendo “Cem Anos de Solidão”. Contou que, como estilista, costuma utilizar o Chat GPT no trabalho e o avô queria muito aprender a utilizar a ferramenta, pois era muito participativo, além de “uma pessoa à frente de seu tempo”.

Rubem Duailibi agradeceu todas as homenagens feitas ao pai, ressaltando que se surpreendeu com o que os confrades escreveram sobre ele. “São coisas fantásticas, com tanta história, tanta inteligência, criatividade, beleza e amor”, disse. Lembrou o caráter filantrópico do pai, como a já citada campanha para a construção do Hospital Sírio Libanês. Destacou ainda a honraria que fez seu pai mais feliz: a posse na Academia Paulista de Letras.

Roberto Duailibi deixa assim um enorme legado de realizações para sua família. Seu neto Roberto é cineasta, roteirista e publicitário; casado com a Vitória, administradora e executiva do setor teatral, filha de Ilka Marinho de Andrade Zanotto e Gian Paolo Zanotto. Sua neta Alessandra Zanotto é designer de moda. Marco Duailibi, seu outro filho -

irmão gêmeo de Rubem Duailibi - é ourives e teve a primeira escola de joalheria do Brasil, a Escola Nova, em sociedade com Ricardo e Denise Mattar. Foram eles os criadores da medalha com a imagem da “Flor do Lácio”, emblema da APL.

O diplomata Rubens Barbosa expressou a alegria de ter conhecido e convivido com Duailibi. “Sua generosidade impressionava a todos nós”, resumiu.

No evento também foi exibido um vídeo feito por Roberto Zanotto Duailibi, contando um pouco da trajetória do avô.

Antes de encerrar, o presidente registrou a presença do acadêmico Raul Marino Júnior, que acabou de entrar na reunião e que gostava muito de Roberto Duailibi

No encerramento, dom Fernando Figueiredo fez a oração da “Bênção de Aarão”: “O Senhor vos abençoe e vos guarde. O Senhor volte seu rosto para vós e vos dê a paz. O Senhor volte a sua face e tenha misericórdia de vós. O Senhor vos abençoe com todas as bênçãos celestes e terrestres. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, amém. Paz e bem”. ■

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

8.10.1935 - 18.7.2025

COMPROMISSO COM VALORES INDIVIDUAIS E SONHO COLETIVO

A vida e obra de ROBERTO DUAILIBI compõem uma aventura rica, plural, humanista, generosa e inspiradora

FOTOS: ERNESTO EILERS & ARQUIVO CARTA DO LÍBANO



Publicitário, professor e acadêmico: Mas a área de atuação de Roberto Duailibi foi além das atribuições e títulos profissionais. Foi um profundo estudioso do saber e da alma humana. E compartilhou esse conhecimento através de palavras e ideias

Foram 89 anos de idade e muitas vidas em uma só história. Vida que revelou a origem marcada pela influência de diferentes espaços geográficos. Vida de relações familiares intensas e em comunidade de caráter global em um ambiente local. Vida de transcendência: a profissão em estado de arte. Vida de compromisso com valores individuais e sonho coletivo. É por esses vieses que apresentamos o publicitário, professor e acadêmico Roberto Duailibi.

A POLIFONIA DA INFÂNCIA

A história de Roberto Duailibi pode ser classificada como uma aventura épica. Na primeira metade do século 20, o pai, Wadih Galeb Duailibi, com formação superior em Farmácia, na França, decidiu trabalhar com garimpo e vendas em Mato Grosso. A mãe, Cecília Fadul Duailibi, Roberto e os irmãos permaneceram em Campo Grande, à frente do comércio da família.

Até os seis anos de idade, Roberto viveu uma infância feliz, com muita brincadeira – pés descalços, estilingue, bola de gude, pião - em uma cidade vibrante e ainda em formação. Campo



Grande era, então, um centro poliglota. Reunia comerciantes e aventureiros falando árabe, espanhol, francês, português e guarani. Já os padres preferiam o italiano. Naquela época, a comunidade libanesa local era uma grande família.

Na loja da mãe, Roberto era responsável por tirar a poeira dos balcões, arrumar as vitrines, forrar botões e fazer plissê. Com a mãe e as irmãs, Roberto ouvia emissoras de Buenos Aires e novelas da Rádio Nacional, lia a revista “Fon-Fon”, o “Jornal das Moças”, “O Cruzeiro” e revistas francesas de moda. Decorava e declamava poesias. Conhecía guarânias, música popular brasileira e cantava hinos – o Nacional, alguns militares e religiosos. Eram tempos de Segunda Guerra Mundial e militarismo no Brasil.

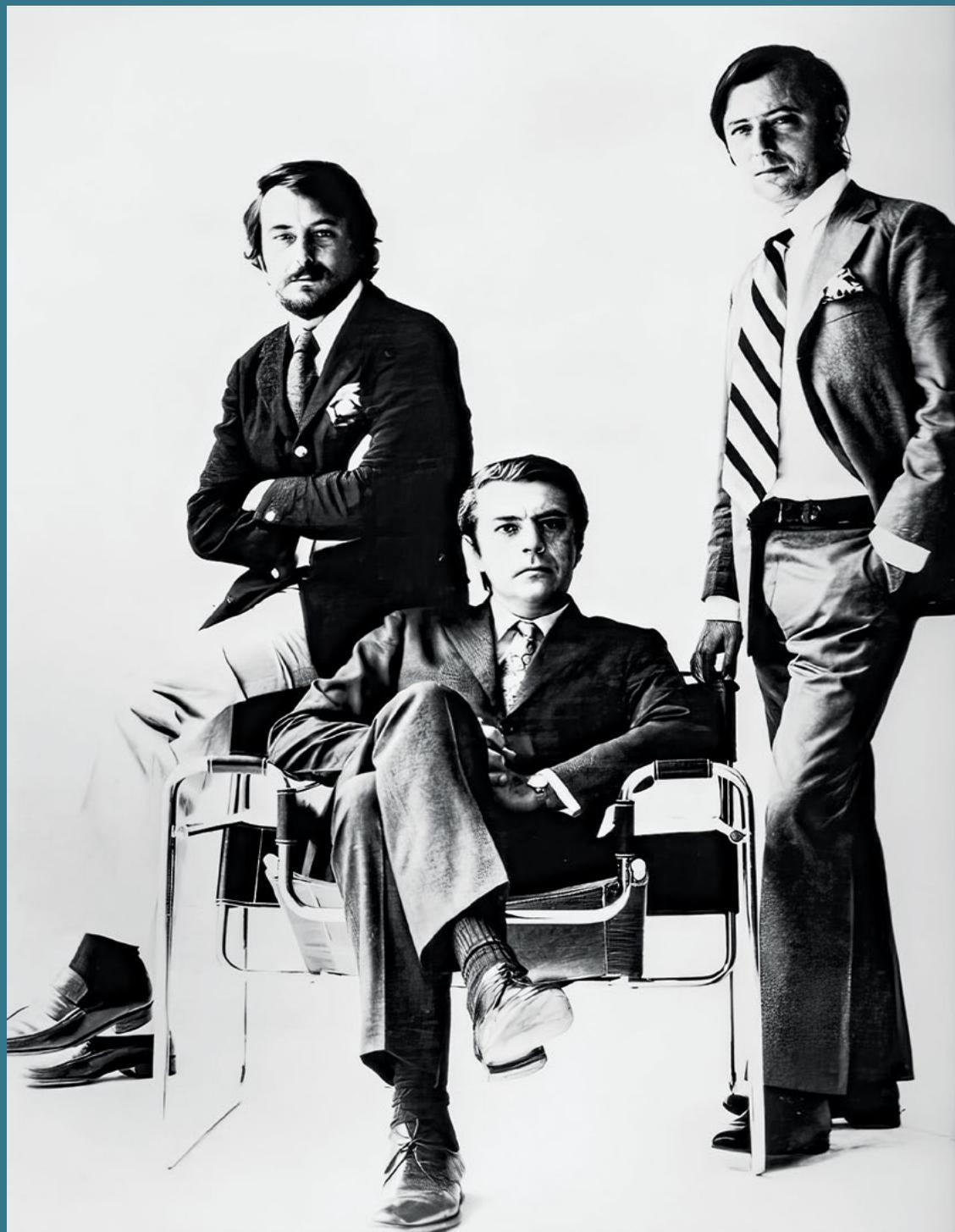
SÃO PAULO, A EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS

Mesmo neste ambiente familiar favorável aos estudos, Roberto não se adaptou ao austero método de ensino do colégio de padres – reguada na mão, castigo de joelhos sobre o milho, cascudos, puxões de orelha. Por isso, aos seis anos, veio para São Paulo, onde passou a morar com a avó. Aqui, aprendeu a ler em uma semana, resultado de uma paixão profunda pela professora. A avó e a tia falavam árabe, italiano e português e regra da casa: todos os dias, Roberto tinha que ler o jornal “O Estado de S. Paulo” inteiro.



O caçula: Roberto rodeado pela família, em 1938. Apesar do calor de 38°C em Campo Grande, dona Cecília mantinha os filhos impecavelmente vestidos. Ao lado, 1915: Cecília Duailibi, mãe de Roberto. Brasileira de São Paulo criada em Beirute

Campo Grande era então um centro poliglota. Falava-se árabe, espanhol, francês, português e guarani



Zaragoza, Duailibi e Petit: O trio de publicitários que, a partir de 1968, transformaram a sigla DPZ em sinônimo de inovação e sucesso na publicidade brasileira. Ao lado, amado mestre: Falando aos alunos atentos na Escola Superior de Propaganda e Marketing

Em 1968 Roberto tinha uma considerável bagagem de conhecimento e era o maior salário da publicidade brasileira

Quando estava com 12 anos, seus pais mudaram-se para São Paulo, e a família passou a morar na Vila Mariana, onde abriram uma loja. Foi nesse período que Roberto começou a frequentar espaços importantes do bairro – o bar de um português que lhe apresentou Eça de Queiroz, o Colégio Benjamin Constant, o Colégio Bandeirantes. Nesses lugares estudava, praticava esporte e política. Mais tarde, trabalhou no “Jornal de Vila Mariana”, escrevendo notas e notícias, vendendo espaço publicitário, acompanhando a produção gráfica e ajudando na distribuição.

O emprego na empresa Colgate Palmolive aconteceu junto com a aprovação na Escola de Propaganda. Lá, Roberto teve oportunidade de aprender com profissionais consagrados: Alfredo da Silva Carmo, José Kfourri, Renato Castelo Branco, Rodolfo Lima Martensen, Caio Domingues, Gherard Wilda e tantos outros. Cursava Propaganda e também a Escola de Sociologia e Política.

OS QUATRO PILARES DA DPZ E A BOA PROPAGANDA NO BRASIL

Em 1968, Roberto já havia passado pela agência de publicidade Standard e Thompson. Estava casado e tinha uma considerável bagagem de conhecimento – seu principal patrimônio – e era o maior salário da propaganda brasileira. Nesta época, surgiu o convite para associar-se a José Zaragoza, Francesc Petit e Ronald Persichetti e fundar a DPZ – uma agência com o propósito de fazer campanhas controversas, bonitas, bem executadas e bem-humoradas, fundamentadas por Quatro Compromissos: Verdade, originalidade, bom gosto e moral nos negócios.

Os compromissos e os resultados conquistaram e encantaram clientes como Nestlé, Itaú, Sadia, Kaiser, Bom-Bril, Singer, General Motors, Souza

Cruz, Rhodia, Petrobras, Fotóptica, Telebrás, Telesp, Vivo. O portfólio de trabalhos e clientes só cresceu e a publicidade foi um caminho de satisfação que Roberto descobriu para cumprir a missão de tornar melhores os seres humanos. Para Roberto, “a verdadeira criatividade é a capacidade de definir um problema. Resolvê-lo de maneira nova, diferente e original depende de uma atitude de trabalho, um desejo de enriquecer as outras criaturas humanas ao ver o resultado do esforço”.

A TRANSFORMAÇÃO DE CORAÇÕES E MENTES

Roberto Duailibi misturou publicidade e Educação para expandir a missão de transformar os seres humanos também nos ambientes acadêmicos. Na Escola Superior de Propaganda e Marketing foi professor, diretor e permaneceu como decano do Conselho da Instituição. Na Escola



de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, foi professor de Criação.

Por duas gestões, Roberto Duailibi presidiu a Associação Brasileira das Agências de Publicidade (ABAP). Atuou como Conselheiro da Fundação Bienal de São Paulo, do Fundo Social de Solidariedade do Governo do Estado de São Paulo e Presidente da Fundação Cultural do Exército Brasileiro (FUNCEB).

Em diversos livros, o professor e publicitário registrou e compartilhou a experiência proporcionada por seu trabalho e processos de criação. Na obra “Criatividade & Marketing” - em parceria com Harry Simonsen Jr. - Duailibi formula o conceito de régua heurística e analisa a importância do método para o desenvolvimento da criatividade.

Para cultivar a concisão e o estilo próprio da publicidade de qualidade - muito antes das postagens de 140 caracteres do Twitter - Roberto colecionava frases, mensagens curtas e surpreendentes que, primeiro, foram compiladas em oito livros, depois em um banco de dados com 600 mil frases. Depois, com o trabalho de uma equipe e o suporte de Marina Pechlivanis, os livros se tornaram um aplicativo - para democratizar ainda mais suas ferramentas de trabalho: pensamentos expressos com precisão. “As frases, isoladamente, realizam um milagre: você lê uma frase boa e, imediatamente, sua mente cria outra” ensinava o mestre.

QUATRO BIBLIOTECAS E A CADEIRA NA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Roberto Duailibi transformou em trabalho sistemático tudo o que aprendeu desde a infância. A declamação de poesias e o canto de hinos ganharam a forma de cursos e palestras. A leitura obrigatória do jornal “O Estado de S. Paulo”, regra da casa da avó italiana, fez dele um leitor assumidamente compulsivo e sem preconceitos: o dia começava sempre com a leitura de um conselho no calendário do Seicho-No-Ie, ao menos para saber o dia do mês. E prosseguia com a leitura simultânea de mais de dez livros, em diferentes idiomas, sobre assuntos variados: cinema, política, história, economia, literatura, religião. Todas essas fontes

alimentam parte da capacidade de garimpar frases e produzir textos notáveis.

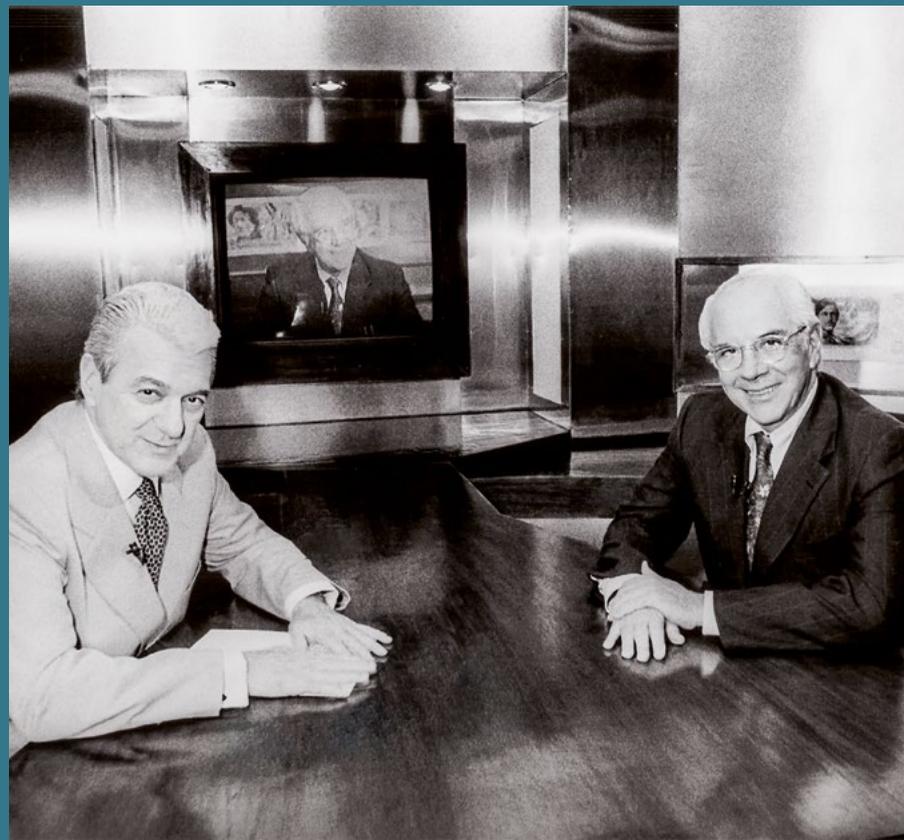
Entre as possíveis fontes de inspiração para um gosto tão apaixonado pela leitura estava uma boa experiência quando criança. “Uma de minhas melhores lembranças de infância é a biblioteca de Campo Grande. Mesmo sem ter grandes recursos, havia uma bibliotecária que se esmerava em seu trabalho e dava ao lugar uma aura de templo. Havia um silêncio quase sagrado, uma iluminação tênue, um cenário perfeito para viagens e aventuras pelos livros”, recordava Duailibi.

Os muitos livros de Roberto são mantidos em quatro bibliotecas pessoais. Uma sobre literatura em geral, poesia, comunicação, novidades de autores recém-chegados que precisam ser conhecidos e livros para agradar aos olhos; com recursos de produção de conteúdo e industrialização, processos de impressão, fotografia, tintas de alta precisão. Outra, sobre a história do Oriente Médio e a história da imigração libanesa para o Brasil, onde o descendente de libaneses armazenou - além de livros - uma profusão de imagens, mapas e peças orientalistas que, mesmo sem relação direta com a imigração, representam uma visão romântica europeia sobre o Oriente. A terceira biblioteca combina literatura profissional, ficção e a maior coleção no Brasil sobre

Roberto colecionava frases. Primeiro foram compiladas em oito livros, depois em um banco de dados com 600 mil



Petit, Duailibi e Zaragoza: Já consagrados, os DPZ mantinham fidelidade a quatro compromissos; verdade, originalidade, bom gosto e moral nos negócios



Companheiros da vida inteira: (acima) com o amigo jornalista, Salomão Schwartzman. E com a secretária e fiel escudeira Neusa Rodrigues. Ao lado, o amigo libanês: Roberto recebe o jornalista Fouad Naime, editor de Carta do Líbano, no Centro de Estudos Family D, em 2007

“Li que ‘um emoji vale por mil palavras’. Essa é a nova linguagem escrita, o novo jeito de dizer as coisas”

livros de frases, provérbios e pensatas em várias línguas. Finalmente, a quarta biblioteca fica no Rio de Janeiro, e é temática. Os livros tratam da história da cidade, desde sua fundação, muita iconografia e memorabilia carioca. E, no computador, ele armazenou toda a filmoteca, outro tesouro.

Em 2015, ao tomar posse da cadeira 21 da Academia Paulista de Letras, Roberto Duailibi, além de consagrar uma vida dedicada à palavra, também fortaleceu o status da publicidade brasileira, profissão que o fez conhecer a dimensão orgânica da palavra como universo vivo – desde a fonética, a maneira como a língua é falada, a gíria, os sotaques, as entonações, até à incorporação de novas tecnologias sinalizam o futuro.

Seu discurso de posse na APL foi marcado por essa palavra em suas diferentes possibilidades. “Creio que como parte de uma sociedade em constante mutação, a Academia precisa defender não apenas o vernáculo convencional, mas as novas formas de expressão, o novo jeito de dizer as coisas, por meio de abreviaturas, de sinais, de imagens. Recentemente li que ‘um emoji vale por mil palavras’. E ‘emoji’ é uma palavra absolutamente nova. Essa é a nova linguagem escrita, que formata o novo jeito de dizer as coisas e se atingir os objetivos da mensagem”.

EVIDÊNCIAS DE UMA FAMÍLIA UNIVERSAL

Na década de 1970, uma conversa entre o publicitário e seu tio Kalil Duailibi deu origem à ideia de resgatar memórias e a trajetória familiar a partir de questionários, distribuídos entre os parentes. Os relatos e registros reunidos em 1997 foram transformados em parte do acervo do Centro de Estudos Family D., cujo objetivo é preservar e divulgar as diferentes expressões da cultura libanesa.

O Centro de Estudos Family D. tem sede em São Paulo e mantém um amplo acervo formado por livros, relatos, mapas, fotos e esculturas. Parte desse material resgata a história da família Duailibi, que se encontra espalhada pelo Oriente Médio, Europa, Austrália, América do Sul e do Norte. Existe um projeto específico para jovens, que oferece visita monitorada, acesso ao acervo bibliográfico e informações sobre as origens da família. O site (<http://www.familyd.net>) antecipa parte dessa experiência.

Além disso, há um centro de estudos comandado por uma equipe de historiadores, pesquisadores e jornalistas, que desenvolve pesquisas sobre movimentos migratórios árabes para o Brasil, preservação cultural e histórica do Líbano, exposições em parcerias com museus e outras instituições de pesquisa e universidades. Dessa forma Roberto Duailibi, além de defender,





Quatro bibliotecas: Roberto amava livros. Afirmava que a leitura diária de “O Estado de S.Paulo”, na adolescência, fez dele um leitor compulsivo e sem preconceitos

cria novas oportunidades de compartilhamento e manutenção de um patrimônio simbólico rico, vivo e perene.

O FEIJÃO E O SONHO

Roberto Duailibi se apoiou em toda sua história de vida para interpretar o presente e olhar com otimismo para o futuro. Crítico, acreditava que o momento histórico que o país atravessava determinaria uma profunda revolução de caráter nacional, que daria origem a um Brasil mais moderno, menos preconceituoso com o comércio e com o enriquecimento. “Quem sobreviveu à inflação de Juscelino, à loucura de Jânio, à incompetência de João Goulart, à censura da ditadura militar, às maluquices de Collor, à morte de Tancredo e ao período Dilma só pode ser otimista!”, afirmava.

A conduta sempre correta e honesta fez com que Roberto Duailibi, com engenho e arte, construísse um inquestionável legado de valores que transcendem o otimismo e a retidão. O avô afetuoso sonha com uma realidade paralela e coletiva, plena de possibilidades, justa e acima de tudo humana. Para o futuro, Duailibi projetava: “Quero ver meus netos – e todos os netos do Brasil – viverem num país de oportunidades, onde o talento pessoal é premiado, os sonhos podem ser realizados, o esforço recompensado”.

“Quero ver meus netos - e todos os netos do Brasil - viverem num país de oportunidades, onde o talento pessoal é premiado”



LIVROS

- **Criatividade & Marketing**
Roberto Duailibi & Harry Simonsen Jr., Editora M Books, 2008.
- **Ideias Poderosas – Felicidade**
Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis, Editora Elsevier, 2008.
- **Ideias Poderosas – Inteligência**
Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis, Editora Elsevier, 2008.
- **Ideias Poderosas – Negócios**
Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis, Editora Elsevier, 2008
- **Cartas a um jovem publicitário**
Editora Campus, 2005
- **Duailibi Essencial**
Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis, Editora Campus, 2005
- **Duailibi das Citações**
Editora Arx, 2000
- **Licensing**
Editora M.Books

APLICATIVO

O “Duailibi das Citações”, disponível na Apple Store, é o maior banco de frases em língua portuguesa. Com citações que registram a história do pensamento, organizado por temas e períodos que vão desde a história antiga até pensadores contemporâneos. Da filosofia ao humor, da política ao sexo; explicados por diferentes pensadores. Com a colaboração e coedição de Marina Pechlivanis, o acervo é interativo, ágil e possibilita criar listas de favoritos. ■

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“AS IDEIAS SÃO FUGAZES E É BOM NÃO DEIXA-LAS ESCAPAR”

No dia 20 de agosto de 2015, Roberto Duailibi tornou-se membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira 21. Em seu discurso de posse, que reproduzimos a seguir, ele honrou a memória dos antecessores, saudou confrades e confreriras da instituição. Finalmente falou da própria trajetória. Da infância em Campo aos estudos em São Paulo, e à exitosa carreira como homem de publicidade e de letras. Sempre temperando tudo com frases que garimpava como um verdadeiro “caçador de esmeraldas”.

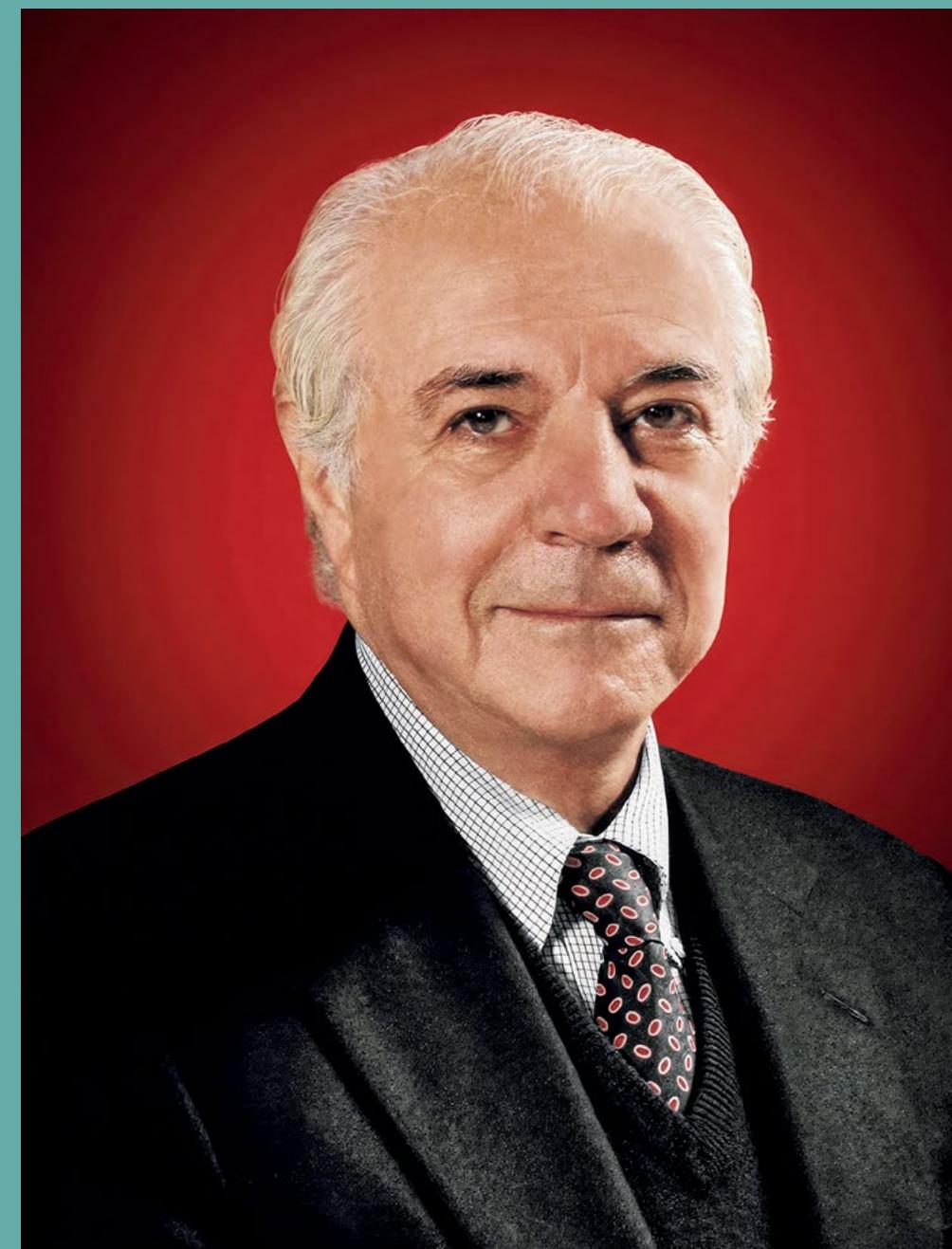


FOTO: ARQUIVO CARTA DO LÍBANO

Dom da palavra: Orador brilhante, Roberto Duailibi disse que seguia uma máxima americana. “Comece dizendo o que você vai dizer, diga o que tem a dizer, e termine dizendo o que você disse”

Excelentíssimo Acadêmico Gabriel Chalita, presidente da Academia Paulista de Letras;
Excelentíssimos membros da Diretoria da Academia Paulista de Letras;
Excelentíssimas autoridades aqui presentes, que tiveram a delicadeza de incluir minha posse em suas agendas.

Confreiras e confrades acadêmicos;

Minha querida família, em especial minha esposa Sylvia, cujo apoio constante me permitiu enfrentar momentos em que tudo parecia insuperável;

Querido maestro Júlio Medaglia, amigo de tantos anos, obrigado por suas gentis palavras. Elas são música para meus ouvidos.

Amigas e amigos presentes que sempre acompanharam minha carreira. Os americanos, em seus quartéis, têm uma recomendação a todos os que são convidados a dar palestras: “Comece dizendo o que você vai dizer, diga o que tem a dizer, e termine dizendo o que você disse”.

Fiquei muito feliz em ser escolhido pelos membros da Academia Paulista de Letras, ainda mais para ocupar a cadeira de uma pessoa tão brilhante e de biografia tão digna quanto o doutor Paulo José da Costa Junior, um homem que não tive o privilégio de conhecer a não ser pelo noticiário e pelo relato agradável de amigos.

Tenho certeza de que sua aura ainda habita este ambiente, que sua contribuição para a preservação de nossa língua será sempre lembrada. Assumo com toda honra o lugar do nosso querido Paulo José da Costa Junior, um grande advogado, apaixonado pelo direito, professor emérito, voz ativa em todas as mudanças jurídicas importantes, fonte obrigatória em toda reportagem vinculada à jurisprudência em sua área de atuação.

Antes de falar especificamente sobre ele, entretanto, me sinto obrigado a reverenciar a todos os que já sentaram e honraram com suas ideias e feitos a cadeira 21, como seu primeiro ocupante, Álvaro Guerra, carioca de Pirai, colaborador de muitos jornais. O sucedeu Roberto Cochrane Simonsen, santista formado na Escola Politécnica e

autor do livro História Econômica do Brasil.

Na sequência, vejo o gaúcho Alegrete José de Freitas Vale, homem do direito que fundou a lendária Vila Kyrial, referência na cultura literária da época e que era frequentada por nomes como Lasar Segall, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, entre tantos outros. Ele também usava o pseudônimo Jacques D’Avray e escreveu, por exemplo, a obra “L’Étincelle”, à qual Coelho Neto se referiu como um evangelho de dor e glória.

Plínio Barreto, de Campinas, foi outro ocupante da cadeira 21. Jornalista frequente em “O Estado de S.Paulo”, o nosso “Estadão”, escreveu inúmeros textos e livros, como “Páginas Avulsas”, prefaciado por Antônio Cândido. O sucedeu Ibrahim Nobre, que teve papel destacado na Revolução Constitucionalista de 1932.

Por seu envolvimento político acabou preso e exilado, retornando apenas em 1947, por ocasião da inauguração do prédio do antigo Banespa, na praça Antonio Prado.

Nesse dia, a ele foram pedidas algumas palavras de improviso e Nobre disse de pronto:

“Guardai silêncio
Que no peito enjaulo
Ante a paisagem
Que daqui se avista.
O chão, quem sabe,
Pode ser São Paulo. porém o homem
Já não é paulista”.

Do alto daquele que era o mais alto edifício da cidade ele profetizou o que se tornaria a nossa São Paulo, uma capital do mundo, na qual se desconhecem as origens, os limites, na qual se é impossível represar guetos ou tendências ou deixar de aceitar regionalismos ou caminhos culturais. Nos tornamos uma cidade do mundo, uma grande metrópole.

Leonardo Arroyo de São José do Rio Preto sucedeu Ibrahim Nobre. Um jornalista que atuou na “Tribuna de Santos”, “Folha da Manhã”, “Jornal de São Paulo”, que escreveu livros para todos os públicos, inclusive infantis, como “Estórias do Galo e do Candimba” e “Você Foi à Bahia”.

“Minha querida família. Em especial minha esposa Sylvia, cujo apoio constante me permitiu enfrentar momentos em que tudo parecia insuperável”

Antes do nosso querido Paulo José da Costa Junior também sentou-se na cadeira 21 Odilon da Costa Manso, que nasceu em Casa Branca, foi outro homem brilhante do nosso Direito, deu aulas de Direito Nacional na PUC e também esteve como voluntário na Revolução de 32.

Vejam, portanto, quanta responsabilidade me atribuem neste momento, que considero de glória.

Mas cabe aqui, com toda eloquência, homenagear meu antecessor, o doutor Paulo José da Costa Junior.

Era um homem simples, abnegado, que dava atenção a todos, que mantinha com seus alunos uma relação de amigo, mais que de mestre.

Nos finais de semana gostava de ir para sua fazenda no interior paulista. Apaixonado por cavalos, criou o haras Pajoco, uma brincadeira com suas iniciais e só deixou de cavalgar por recomendação médica pouco antes de sua morte.

Em torno do seu nome se formou uma das mais representativas bancas de advogados da cidade, um local de tradição advocatícia, que passou às mãos do filho Fernando.

Trata-se da terceira geração de advogados da família, uma tradição que deve ser perpetuada, na medida em que os netos do doutor Paulo pretendem seguir seus passos no direito.

Doutor pela universidade de Roma, doutor Paulo ensinou em instituições italianas, na Universidade de São Paulo, onde chefiou o departamento de Direito Penal e em outras faculdades brasileiras. Tornou-se conhecido do público ao comentar, em emissoras de rádio e televisão, casos de grande repercussão. É de sua lavra, por exemplo, o livro

“Crimes Famosos” no qual analisa delitos notórios como “O crime da rua Cuba” e “O maníaco do Parque”. Escreveu também sobre outros assuntos e fez uma autobiografia.

Era considerado um dos membros mais assíduos e dedicados da Academia Paulista de Letras. Paulo José da Costa Junior era cidadão paulistano, de Itatinga, e cidadão italiano.

Doutor Paulo partiu aos 90 anos, mas perpetuou sua biografia com seu legado de paciência e carinho com que sempre tratou seus alunos, amigos e parentes. Teve quatro filhos, oito netos e dois bisnetos. Os filhos Fernando José da Costa e Paulo José da Costa Neto, Rui Alexandre Costa e Paola Adriana Costa certamente devem se orgulhar muito dos feitos do pai.

Depois de sua morte, para se ter ideia de seu carisma, alguns de seus alunos, reconhecendo seu caráter e papel formador, criaram no Facebook uma página como forma de homenageá-lo. Os seguidores são ex-alunos, professores, colegas de profissão, admiradores de sua obra, gente que conviveu e pode desfrutar de seus ensinamentos e experiência, gente que de alguma forma teve na formação pessoal muito do que ele sempre pregou.

Formado pelas Arcadas na Turma de 1946 era titular da cadeira de Direito Penal da faculdade. Professor, livre docente pelas Universidades de São Paulo e Roma, autor de inúmeros livros de Direito e criminalista reconhecido no meio jurídico e empresarial.

Desde jovem, ele se mostrou um apaixonado pela literatura brasileira, foi um estudioso da História da Academia Brasileira de Letras e, para minha

“Convém ter sempre à mão uma caneta, um bloquinho de anotações ou um gravador. Ideias quase sempre surgem em horários impróprios, num lampejo divino”

felicidade, foi meu antecessor na cadeira número 21 da Academia Paulista de Letras.

Encerro aqui minhas palavras, emocionado, sabendo que tenho pela frente uma enorme responsabilidade, a de honrar cada um desses nomes, de honrar a cada um dos membros da Academia Paulista de Letras que neste momento me conduzem à condição de acadêmico.

Tão logo me chegou a notícia de minha indicação custei a acreditar, pois sinceramente não me sinto à altura de pertencer a esse panteão.

Olho ao lado e vejo nomes que para mim são referência, muito dos quais tenho o prazer da convivência e posso, para meu orgulho, chamar de amigos. Vejo-os como patrimônios de nossa cultura, gente séria que de fato trabalha e zela pela preservação de nossa língua, pessoas como Lygia Fagundes Telles, Ruth Rocha, meu vizinho Celso Lafer, Antonio Mendonça, Walcyr Carrasco, Mauricio de Souza, Ignácio de Loyola Brandão, Gabriel Chalita, Júlio Medaglia, meu médico Raul Cutait, José Pastore, Miguel Reale Júnior, Eros Grau, Bolivar Lamounier, Dom Fernando e todos os demais membros desta academia, que aqui chegaram por méritos e reconhecimento ao excelente trabalho que estão realizando.

Consciente dessa minha condição, encaro minha escolha como uma homenagem aos milhares de redatores publicitários. Àqueles que, nas agências de publicidade, nos departamentos de propaganda dos clientes e veículos se dedicam a esse ofício, que não tem hora de começar nem de acabar, cujos desafios continuam antes e depois da hora do expediente, no meio do banho, durante o

café da manhã, no jantar, no meio do sono.

Ideias nunca param, surgem assim, inesperadas. Por isso convém ter sempre à mão uma caneta, um bloquinho de anotações, um gravador. As ideias são fugazes e é bom não deixá-las escapar. Quase sempre surgem em horários impróprios, assim, num lampejo divino que se expressa numa frase, numa imagem, num gesto.

Me considero, portanto, um redator. Eu sou um proletário da palavra, que sempre lutou pela preservação do vernáculo e suas inovações positivas. A meu favor posso apenas e tão-somente assegurar que amo as frases e as palavras e a independência que elas proporcionam.

Sou fascinado pelo valor das frases que resumem pensamentos e intenções. Muito antes dos 140 caracteres entrarem na moda, já cultivava o valor da concisão. Os livros de frases, que começaram como ferramenta de trabalho, e que já são oito, hoje se transformaram num banco de dados de mais de 600.000 frases e um magneto para pessoas que amam as letras em todo o mundo. Com o apoio de uma eficiente equipe, onde se destaca a Marina Pechlivanis, os livros se transformaram em aplicativos, mas continuarão impressos.

Em dados momentos, propaganda e literatura se confundem. Os personagens, as frases, os slogans, criados pela boa publicidade, por exemplo, se incorporaram de tal maneira à cultura popular, ao nosso dia a dia, que adquiriram vida própria.

Mas o que é a boa propaganda? No campo tênue da comunicação, sempre combati a mentira, o exagero, a omissão da verdade. Minha geração fundou o Conar, instrumento muitas vezes de

indignação das pessoas contra as falsas promessas, a concorrência desleal, a irresponsabilidade comercial. Essa sempre foi minha luta, e em seus embates vivi episódios pitorescos, incompreensão de colegas e clientes, mas, no final, o apoio de ambos.

Ao lado de José Zaragoza e de Francesc Petit, meus sócios e amigos, formamos a lendária DPZ, que se tornou uma referência da verdade, da originalidade, do bom gosto e da moral nos negócios. Criamos outros personagens que aparentemente foram imortalizados pela cultura popular. Sei que têm vida fugaz, que se esgotam quando o produto se torna obsoleto ou anacrônico. Se muitos personagens literários ganharam as telas, nós, por meio dos nossos, também tivemos sucesso e chegamos ao público através de nossas mensagens de alerta, sempre com tom de ousadia, sarcasmo, humor e irreverência, pois acreditamos que a verdadeira criatividade sempre rompe padrões.

Os próprios acadêmicos, pela sua presença na vida cultural brasileira, são personagens que se incorporaram à nossa vida, se tornaram mitos. Assim, ao chegar às primeiras reuniões na Academia, além dos inúmeros amigos de longa convivência, aqui estavam outros que eu já conhecia através dos livros ou através de suas oratórias, ou ainda simplesmente por suas famas. Era como se a convivência com todos fosse de dezenas de anos.

Por sua força, a propaganda é, sem dúvida, uma das maneiras de se preservar a língua de um povo ou evitar que ela seja degradada. Sempre lutei pela prevalência da língua portuguesa, nesse mundo hoje tão repleto de palavras em inglês, como ontem era o francês. Nunca cheguei ao exagero dos portugueses, que lutam denodadamente contra os neologismos da informática, por exemplo.

Esse meu discurso de entrada na Academia Paulista de Letras foi preparado para contar um pouco dessa minha trajetória, dos meus inúmeros e profícuos contatos com as letras. Vi, por versões passadas, discursos memoráveis de amigos, muitos dos quais aqui presentes e aos quais agradeço novamente a presença. Sempre aprendi que o tempo custa muito e é preciso dizer as mensagens em poucas palavras, sem perder a objetividade.

Me formei pela Escola de Propaganda de São Paulo e tive a chance de trabalhar ao lado de nomes consagrados de nossas letras, como Renato Castelo Branco, Orígenes Lessa, Said Farhat, Antônio Bandeira, Ricardo Ramos, Geraldo Santos, Julieta Godoy Ladeira e Hernâni Donato, que foi membro ativo dessa nobre Academia. Fui amigo pessoal de Emil Farhat e Jorge Medauar.

A atividade literária, afinal de contas, sempre favoreceu os que têm um lado mais forte nas ciências humanas, como o direito, jornalismo, a publicidade, a diplomacia, quando não a própria essência da inspiração, a poesia, como um dom divino, um bafejo supremo e que a muitos atinge.

Ainda na cidade de Campo Grande, onde nasci, tive meus primeiros contatos com a palavra. Longe de tudo, com poucas condições, a cidade tinha um clima quente e modorrento, onde os dias custavam a passar e pouco havia a fazer, principalmente por uma criança ávida pelo conhecimento, a não ser correr e brincar pelas poeirentas ruas de terra... e ler.

Meu pai era um libanês que chegou ao Brasil como tantos outros. Ele escrevia muito bem em árabe e francês. Sustentava uma família de sete filhos com o apoio incansável da mulher, Cecília. Ele sempre nos obrigava a ler e a decorar poesias, uma por semana, em português. Assim que a tínhamos na ponta da língua declamávamos num almoço ou jantar.

Mas foi em São Paulo que eu realmente aprendi a ler.

Vivendo com minha avó Ada Vianello, e tia Ignês, aprendi lendo o jornal “O Estado de S. Paulo”.

Minha avó dizia “Nenhum neto meu volta a Mato Grosso sem ler ‘O Estado inteiro’”. Desse período de minha vida que eu poderia chamar de “italiano”, lembro-me do orgulho que nos dava ter um tio que atuava no teatro, Nino Nelo, e um primo que atuava no rádio, Edmundo Gregorian.

As condições da minha infância eram difíceis, mas não sofriamos privações. Meu pai viajava pelo interior escaldante, na nobre atividade de vendas e minha mãe administrava um comércio, no que hoje é considerado o centro da cidade. Naquele tempo, as ruas eram de terra e minha lembrança destaca

apenas o caráter de solidariedade que existia entre os patrícios. Todos se uniam e se ajudavam, todos com muitos filhos e enfrentando os mesmos problemas.

Daquela época, uma de minhas melhores lembranças é a biblioteca da cidade. Mesmo sem ter grandes recursos, havia uma bibliotecária que se esmerava em seu trabalho e dava ao lugar uma aura de templo. Havia um silêncio quase sagrado, uma iluminação tênue, um cenário perfeito para viagens e aventuras pelos livros.

Talvez por esse gosto precoce por livros e por reconhecer a sua importância, mantenho espontaneamente quatro bibliotecas próprias. Uma delas fica em minha casa, onde convivo com aqueles livros de consulta permanente, os companheiros de jornadas, que podem ser livros de instruções ou poesia (a grande inspiração), ou grandes romances, ou as novidades de autores recém-chegados que é preciso sempre conhecer. Há ainda aqueles livros que visam agradar aos olhos, com os incríveis recursos atuais de produção de conteúdo e industrialização, obtidos através do desenvolvimento das máquinas fotográficas e das câmeras, dos processos de impressão e do desenvolvimento de tintas de alta precisão.

Cultivo também uma grande biblioteca sobre a imigração libanesa para o mundo, mas focada no Brasil. Nela cultivo grande iconografia e inúmeros mapas, além de peças orientalistas que nada têm a ver com a imigração propriamente dita, mas são sim uma visão romântica europeia sobre o Oriente.

Uma terceira biblioteca junta literatura profissional, ficção e, certamente, a maior coleção no Brasil sobre livros de frases, provérbios, pensatas, em várias línguas. Nessa tarefa, organizei-me com o apoio de uma bibliotecária excelente, Célia Toron, e uma estudiosa, Marina Pechlivanis.

E, finalmente, no Rio de Janeiro, onde também temos uma residência, cultivo livros sobre a história da cidade, desde sua fundação, além de ampla iconografia e memorabilia carioca.

Quando minha família mudou-se para São Paulo, fomos morar na Vila Mariana, na rua Eça de Queiroz. Sempre curioso e ávido por conhecimento, fiz questão de buscar saber quem era afinal Eça de

Queiroz, essa figura cuja pintura, na parede de uma padaria na esquina com a rua Domingos de Morais, me fascinava. Talvez isso me tenha despertado para a busca de sua obra tão rica.

Acabei lendo quase todos os seus livros, como O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, A Cidade e as Serras. Afinal, Eça era meu vizinho...

Foi assim, pesquisando, lendo de tudo, decorando, escrevendo que, como tantas outras pessoas de minha geração, aprendi a gostar de ler e escrever.

Recebendo notícias de rádio, trocando mensagens com amigos ou correspondentes, por meio de cartões postais e cartas, buscando informação nos livros, nas revistas e jornais. A partir desse universo construí minha vida, minhas relações, meus amigos, minha família.

Graciliano Ramos dizia: “Comovo-me em excesso, por natureza e ofício. Acho medonho alguém viver sem paixões”. Essa frase resume o Roberto Duailibi que eu ainda mal conheço ao longo dessas décadas.

Tudo que me caía às mãos eu lia, todo tipo de livro, de literatura, de poema, de texto. E, por viver numa loja, todo tipo de propaganda, que devorava como se tivesse sido feita por mim. Tentava, claro, me aprimorar, ler o que mais me falava à alma. Essa formação, e a generosidade de professores, me deram a chance de ser orador da minha turma ainda no curso ginásial, no Colégio Benjamin Constant, antiga Deutsche Schule Vila Mariana. Sob o aspecto escolar, sempre me considerei um privilegiado. Em São Paulo, mas já no científico, no Colégio Bandeirantes, acabamos conseguindo uma bolsa de estudos. Até hoje sou grato ao professor Barifaldi por sua generosidade.

Nesse tempo, também comecei a trabalhar no “Jornal de Vila Mariana”, onde corria atrás de anúncios e escrevia notas. Com o tempo, fazia de tudo: vendia classificados, escrevia notícias, acompanhava a gráfica, ajudava a distribuir.

Quando fui trabalhar na Standard, na Thompson e na Varig, na DPZ, toda essa bagagem de conhecimento e personagens seguiram comigo, estavam dentro de mim, eram meu patrimônio.

Acho que na vida, ao longo dela, levamos sempre

“Na vida, levamos uma grande mala e nela vamos carregando um pouco de tudo a cada dia. O equilíbrio entre os itens formam nosso próprio personagem”

uma grande mala e nela vamos carregando um pouco de tudo a cada dia. As nossas emoções, os nossos medos, nossas alegrias, amores, amigos, nossas tristezas, sucesso, desventuras. Essa bagagem acaba tendo de tudo um pouco e o equilíbrio entre os itens é que formam o nosso próprio personagem.

Minha bagagem me permitiu criar, esta Creio que como parte de uma sociedade em constante mutação, inserida num planeta no qual as novas tecnologias todos os dias assumem papéis em nossas vidas, a Academia precisa defender não apenas o vernáculo convencional, mas as novas formas de expressão, o novo jeito de dizer as coisas por meio de abreviaturas, de sinais, de imagens.

Ainda recentemente li que “um emoji vale por mil palavras” sendo “emoji” uma palavra absolutamente nova. Também a forma paulista de dizer, um português rico, cheio de vocábulos e que só fazem engrandecer nossa cultura. Essa é a nova linguagem escrita, a que está nos livros, que formatam o novo jeito de se dizer as coisas e se atingir os objetivos da mensagem desejada. Em todos os campos da atividade humana temos visto isso. Uma cerquilha, que define um hashtag, por exemplo, passou a ser referência de busca na internet, outra palavra que se incorporou ao vernáculo de forma tão precisa que parece estar entre nós há centenas de anos.

A profissão deu-me também a oportunidade de estudar fonética a maneira como a língua é falada, seus sotaques, gírias e entonações, suas expressões populares. E o que esses sotaques significam para quem os ouve. É com esse vigor e

pretensas habilidades na defesa de nossa língua e suas vertentes mais antigas e mais modernas que passarei a ocupar a cadeira de número 21. Um assento emblemático e que já foi ocupado por nomes ilustres e com toda certeza bem mais importantes do que o titular que ora ocupa esta tribuna.

Sempre exerci minha profissão com o sentido de missão. Minha vida e atuação profissional sempre se deram baseadas num conjunto de dogmas formado pela verdade, originalidade, bom gosto criativo e moral nos negócios.

No momento em que vivemos uma crise política e econômica, em que assistimos uma propaganda política da pior qualidade, que atingiu esse estágio ao longo dos anos, não poderia neste momento deixar de expor minhas críticas.

Ao contrário da propaganda comercial, que tem mantido o bom nível, que se tem demonstrado eficiente e criativa, a propaganda política envereda por um caminho que considero até perigoso.

Sempre serei uma voz contra tudo isso. Essa é uma das minhas causas, a de fazer propaganda com verdade, originalidade, bom gosto e moral.

Esse é o jeito que moldei minha trajetória. Graciliano Ramos dizia que “Entre a gramática e a censura o escritor sempre encontra seu caminho.”

Deixo essa frase a todos como inspiração de vida.

Hoje é um dia especial para mim, estou emocionado, honrado em fazer parte desse seleto grupo, feliz por ser um membro da Academia Paulista de Letras.

Sinceramente, meu muito obrigado! ■



vista parque ibirapuera



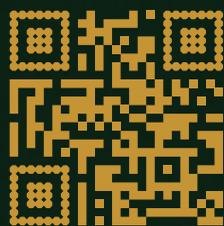
Perspectiva ilustrada da fachada. Imagem preliminar, sujeita a alteração



Imagem ilustrativa

SÃO PAULO GANHA UMA DAS VISTAS MAIS DESLUMBRANTES DO MUNDO
E ELA SERÁ EXCLUSIVAMENTE SUA.

AGENDE PARA CONHECER O
PROJETO COM A DIRETORIA.
WHATSAPP: 11 99259-4910



Realização:

kallas
INCORPORADORA

HEMISFÉRIO SUL EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A. Rua João Lourenço, 432 - Vila Nova
Conceição, CEP 04508-030, São Paulo - SP. O empreendimento está registrado denominado
VISTA PARQUE IBIRAPUERA, sob o número 01 da matrícula 245.727 do 14º Registro de imóveis,
com data de 30/04/2025. Intermediação: Kallas Vendas: Av. Prefeito Fábio Prado, 211 - 6º Andar
Vila Mariana, São Paulo - Tel. (11) 4780-0000 CRECI: 037819J. Imagens meramente ilustrativas.
Material sujeito a alteração sem prévio aviso.

MANSÕES SUSPENSAS
COM VISTA PARA O
PARQUE IBIRAPUERA.
NO ENDEREÇO MAIS RARO.



Perspectiva ilustrada da quadra de tênis. Imagem preliminar, sujeita a alteração

O SEU LAZER COMO UMA
EXPERIÊNCIA RENOVADORA.

400M²
—
500M²
—
1.200M²



Perspectiva ilustrada da piscina. Imagem preliminar, sujeita a alteração

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“HOMENS COMO ELE NÃO APARECEM TODOS OS DIAS”

Além de profissional brilhante, Roberto Duailibi se entregou inteiramente para todas as atividades que empreendeu. Cultivava as grandes ideias, buscava as soluções e conhecia a emoção das massas

POR ANTONIO PENTEADO MENDONÇA*

A Academia Paulista de Letras perdeu um homem extraordinário, um acadêmico muito especial pela forma como se dedicava a ela, como contribuía para suas atividades, como interagia com os outros acadêmicos.

Mais que a Academia, o Brasil perdeu um grande brasileiro, alguém que se destacava pelo seu amor ao país. O que o fez se superar e buscar permanentemente soluções para os problemas, diálogo para enfrentar os problemas, moderação para solucionar os problemas.

Roberto Duailibi foi dos grandes publicitários

da segunda metade do século 20. Sua DPZ foi uma escola para os profissionais da área, e um marco na referência de postura ética para todas as agências de propaganda que dão importância aos sentimentos e emoções das massas.

Mas mais do que o grande profissional, ele foi o grande homem que se deu para todas as atividades em que decidiu entrar. Generoso ao extremo, Roberto Duailibi contribuiu com o exército brasileiro e com a comunidade árabe instalada no Brasil. Com a Escola Superior de Propaganda e Marketing e com a Academia Paulista de Letras. Com a sociedade brasileira e com seus amigos.

Roberto Duailibi foi um amigo muito querido.

FOTO: ERNESTO EILERS

Segundo o presidente da APL, um encontro com Roberto sempre resultava em “grandes ideias para novos projetos”



Conversava regularmente com ele sobre os mais variados assuntos e às vezes, almoçava no seu apartamento, sempre na companhia de pessoas interessantes que ele escolhia a dedo, formando mesas memoráveis, de onde saíam ideias para novos projetos.

Sua morte abre um buraco a mais na deficiente muralha ética que deveria cercar o Brasil. Homens como ele não aparecem todos os dias. São raros, precisam ser cultivados com carinho para ficarem entre nós o maior tempo possível. Roberto, meu amigo, você foi muito além da sua missão. Descanse em paz. ■

*Presidente da Academia Paulista de Letras

“Mais que a Academia, o Brasil perdeu um grande brasileiro, alguém que se destacava pelo seu amor ao país. O que o fez se superar e buscar soluções para os problemas”

“NO CENÁRIO DA IMORTALIDADE BANDEIRANTE”

Além de ícone da publicidade, Ricardo Duailibi partilhou conhecimento e sabedoria como palestrante, professor, pesquisador, mecenas e escritor

POR JOSÉ RENATO NALINI*

A humanidade perdeu no dia 18 de julho último um de seus melhores exemplares. Chamava-se Roberto Duailibi e foi uma pessoa extraordinária. Era o “D” da festejada DPZ, que criou em 1968, juntamente com José Zaragoza e Francisc Petit. A DPZ fez história, ganhou o primeiro Leão de Ouro para o Brasil, pela campanha “Homem de 40”, que estimulava a contratação de pessoas acima dos quarenta anos.

Duailibi era formado pela Escola de Propaganda de São Paulo desde 1956, passou por várias empresas antes de criar a mais conhecida e celebrada empresa de publicidade brasileira, e em 1969 foi eleito Publicitário do Ano.

Expansivo, comunicativo, extremamente simpático, tornou-se um dos mais requisitados palestrantes do Brasil. Sempre lecionou e foi diretor

de cursos da Escola Superior de Publicidade e Marketing de São Paulo. Atuou como Professor de Criação da ECA-USP, a Escola de Comunicações e Artes e presidiu, por três gestões, a ABAP – Associação Brasileira das Agências de Publicidade.

Ativo participante do circuito artístico brasileiro, foi conselheiro da Fundação Bienal, do Fundo Social de Solidariedade do Governo Paulista e Presidente da FUNCEB (Fundação Cultural Exército Brasileiro). Mecenas, ajudava a inúmeras entidades, carreando recursos que captava junto a amigos seus, pois era um sedutor na persuasão das pessoas a aderirem a boas causas.

Na abertura da Academia Paulista de Letras a cultores de atividades as mais diversas, Roberto Duailibi foi eleito em 2015 para premiar a criatividade, uma expressão cultural de que a literatura não prescinde. No livro com fotos de Márcio Scavone para festejar os 110 anos da APL, Roberto, ocupante da Cadeira 21, escreveu: “Criação

exige a prática da liberdade. A pessoa criativa deve primeiro libertar-se a si mesma”.

Era extremamente orgulhoso de integrar a Casa de Cultura por excelência dos imortais bandeirantes. Exprimia-se com carinho sobre essa condição: “O sentimento que nos toma ao observarmos o rodízio das cadeiras imortais, a um tempo ocupadas por nomes que ajudaram a construir a vida literária do país, é algo impossível de descrever”.

Sucedeu a Paulo José da Costa Júnior, que sucedera a Odilon da Costa Manso, que por sua vez preencheu a vaga de Leonardo Arroyo. Antes Ibrahim de Almeida Nobre, Plínio Barreto, José de Freitas Vale, Roberto Simonsen e Álvaro Guerra, até chegar ao fundador José Luís de Almeida Nogueira.

Duailibi enaltecia esses nomes: “Detalhadamente, cada uma das históricas 40 cadeiras guarda nomes que estarão para sempre, através dos romances, na poesia, nos contos e crônicas, inscritos, indelevelmente, na trajetória literária de São Paulo. Cada qual tem um enredo particular e vida própria, ao mesmo tempo que todas fecham, como numa grande corrente, um modelo de perenização e promoção das respectivas obras, muitas vezes já em ambiente digital. É, para mim, uma honra, um grande orgulho, um prazer inenarrável ter sido um dia escolhido como um dos membros da APL”.

Como escritor, é autor de “Criatividade & Marketing”, com Harry Simonsen Júnior, livro que apresentou o conceito de régua heurística e a relevância de investir na criatividade em todos os setores empresariais. Como leitor voraz, editou coleções de citações, que se chamaram inicialmente “Phrase Book”. Publicou “Cartas a Um Jovem Publicitário”, em parceria com Marina Pechlivanis a coleção “Ideias Poderosas” com seleção temática de citações, e uma nova edição de “Criatividade & Marketing”, com versão digital da régua heurística.

Recebeu a honraria da Ordem do Mérito Militar no grau Comendador Especial, no ano 2000, do presidente Fernando Henrique Cardoso e foi promovido a Grande-Oficial em 2003, pelo vice-presidente José Alencar.

O convívio na Academia Paulista de Letras durante dez anos, pois tomou posse em 2015, permitiu aos integrantes dessa Casa de Cultura experimentar o elevado grau de comprometimento



José Renato Nalini lembra que o amigo se orgulhava de integrar a Casa de Cultura por excelência dos imortais bandeirantes

ético e afetivo de Roberto Duailibi com a Instituição, que em 2025 chega aos seus cento e dezesseis anos. Roberto era o primeiro a se propor a financiar eventos, a encontrar patrocinadores para as realizações de uma entidade que não tem renda e inclusive a repor a porcelana e cristais que o tempo se encarrega de fazer desaparecer.

O mecenato generoso, discreto e praticamente anônimo. Os benefícios apareciam, como que por encanto. Gesto altruísta, raramente encontrado nas organizações humanas, em que cada qual só tem olhos para o próprio umbigo. A personalidade exuberante, solidária e própria ao exercício da fraternidade o colocam em categoria ímpar no cenário da imortalidade bandeirante. Foi um privilégio poder chamar Roberto Duailibi de confrade. ■

*José Renato Nalini é desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que presidiu entre 2014 e 2015

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“UMA DOCE MORTE”

Amigo e confrade acadêmico, o escritor faz um paralelo entre a morte de uma compositora que cantou o amor; e do publicitário, que viveu uma boa vida e morreu ao lado do seu amor

POR GABRIEL CHALITA*

Contam os que gostam das histórias de vidas que Dolores Duran, aos 29 anos, teria dito a uma moça que trabalhava em sua casa que estava tão cansada que iria dormir até morrer. E morreu.

Roberto Duailibi não disse que iria morrer. Aos 89 anos, depois de almoçar, foi deitar o seu cansaço ao lado de Sílvia, o amor de sua vida. E morreu.

Morreremos todos. Os que acreditam ou não na transcendência. Morreremos todos. Dolores acreditava na transcendência. Roberto, também.

Fui ao velório de Roberto. Fiquei olhando seus olhos fechados, suas mãos postas em posição de despedida. Roberto era dos olhos abertos. Assim abriu nossos olhos para compreender uma nova maneira de fazer comunicação. Roberto era das mãos em prontidão para a generosidade.

Conheci mais proximamente Roberto quando fomos conselheiros do Fundo Social de

Solidariedade do estado de São Paulo. Conheci seu entusiasmo em melhorar o mundo. Em comunicar ao mundo o valor da bondade. Prosseguimos juntos. Em ações e em poesia. Fomos juntos ao Líbano, terra das nossas raízes. Nos emocionamos pensando na coragem dos que vieram antes de nós. Gente valente. Gente amorosa.

Liguei um dia a ele e disse que seria bom que ele se candidatasse a uma vaga na Academia Paulista de Letras. Ele ficou honrado e aceitou. Liguei dias depois dizendo que o grande poeta Paulo Bomfim havia conversado com o Celso Lafer e que ele seria candidato. Que minha sugestão seria que ele aguardasse uma outra vaga.

A resposta dele foi que até ele votaria no Celso. Que aguardaria, sim. E depois entrou e depois viveu dias plenos entre palavras e afetos na nossa casa no Largo do Arouche.

No dia do velório abracei Sílvia, o seu amor. Ela jogava beijos para o marido. Parecia desacreditar da despedida. Eu, também.

Se acreditamos na transcendência, acreditamos



na imanência. É aqui que abrimos os portais do caminho de uma vida boa, de uma doce vida. E por que não, de uma doce morte.

A imanência somos nós. São os nossos cotidianos. Roberto viveu dias lindos e dias difíceis. Viveu o amor e a dor. Viveu. Gostava de ouvir suas histórias e até de saber de algumas nuvens que atrapalhavam seu calor. No frio da existência, precisamos de amigos. A amizade perfuma de transcendência a imanência. Dizia Aristóteles que é como um rastro do divino no humano para nos iluminarmos.

Escolhi começar com Dolores para falar de Roberto. Talvez porque quisesse dizer que não importa se vivemos 29 ou 89 anos. Talvez por

outras razões também. Dolores brincou com sua filha no dia em que morreu. Foi uma despedida. Roberto se alimentou com Sílvia. Conversaram, enquanto faziam uma última refeição juntos. Comeram doce? Não sei. Sei que se deitar ao lado de quem se ama e fechar os olhos e dormir a eternidade é uma doce morte.

Com o abraço de Sílvia, voltei para casa triste e feliz. Ouvindo Dolores, tive vontade de escrever sobre Roberto. Escrevendo sobre Roberto, tenho vontade de ser melhor porque a vida é imanência. Porque a vida é transcendência.

Já sinto saudade, meu amigo Roberto Duailibi. ■

*Escritor e membro da Academia Paulista de Letras

FOTO: ERNESTO EILERS

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“UM INTELLECTUAL RARO”

Depoimento sincero e emocionado do amigo e colaborador que aprendeu no dia a dia a conhecer e admirar o homem das boas frases e do coração imenso

POR FLAVIO CONTI*

Em um sábado, às 6h30 da tarde, no fim de semana muito triste depois do falecimento de Roberto Duailibi, publiquei um depoimento emocionado no Instagram.

A morte de Roberto era um fato esperado, mas quando aconteceu foi difícil de aceitar. Porque ele era uma figura admirada e fantástica para todos nós. Um homem que nos trouxe muita informação, cultura e conhecimento. Um intelectual raro. Sinto um enorme orgulho de ter me tornado seu amigo e de ter trabalhado ao seu lado na DPZ por tanto tempo.

Pela nossa na agência, estávamos sempre muito próximos aos clientes - procurando a melhor solução para todos. E, por conta disso, algumas vezes tivemos algumas discussões. No



“Parecia que estávamos nos despedindo”. Sylvia e Roberto Duailibi em almoço na casa de Ruth e Flavio Conti. O último encontro de dois grandes amigos

entanto, esses embates sempre acabavam bem, em uma ótima conversa, com uma boa frase ou em um almoço delicioso. Com Roberto tudo era construtivo porque tratava-se de uma permanente fonte de informação.

Em outras ocasiões, como nas centenas de almoços com nossos clientes, todos invariavelmente comentavam como era bom estar na companhia do Roberto e o quanto gostavam dele.

No último dia 08 de outubro, data em que ele completaria 90 anos, lembrei que pouco mais de três meses atrás ele e sua esposa Sylvia

estavam almoçando em minha casa. Um encontro maravilhoso e parecia que estávamos nos despedindo. E hoje sinto como se ele não tivesse partido realmente, porque sua presença ainda é muito marcante.

Todas as homenagens feitas a Roberto Duailibi são justas, pois seu legado é enorme e permanece em nossos corações e mentes. Além das saudades, você nos deixou muitos ensinamentos.

Jamais será esquecido. ■

*Flavio Conti, ex-CEO da DPZ

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“UMA EXPERIÊNCIA FASCINANTE”

Como uma palestra de Roberto Duailibi influenciou um jovem estudante a trilhar uma trajetória de sucesso na publicidade e além

POR CARLOS LEÃO*

Estava no segundo ano do curso de Administração da FGV quando a faculdade convidou Roberto Duailibi para proferir uma palestra. Eu tinha pouco mais de 20 anos de idade, e a palestra dele foi um marco na minha vida. Ele se expressava com perfeita fluidez, demonstrava um entusiasmo impressionante pela profissão e relatava como sua agência, a recém fundada DPZ, estava construindo notáveis casos de sucesso comercial para seus clientes, através da inteligência estratégica e da criatividade sem limites da equipe que havia reunido. E exibia incríveis comerciais de TV para ilustrar esse sucesso.

Sob o impacto da apresentação, estabeleci um objetivo: algum dia iria trabalhar naquela tal de DPZ e seguir aprendendo com o sr. Roberto Duailibi.

Embora com pouquíssimo tempo de vida, a DPZ já despontava como uma das agências mais criativas

do país, e exercia crescente atração sobre clientes interessados em dar mais eficiência e brilho à sua propaganda. Não era fácil ingressar na agência, parecia um sonho impossível. Porém, 12 anos mais tarde eu havia adquirido razoável experiência profissional e atuava na área de atendimento de uma grande agência. Um dia o telefone tocou e fui convidado para uma entrevista de emprego na DPZ. Embora gostasse da agência em que trabalhava, não pensei duas vezes. Em duas semanas eu fazia minha estreia na agência de Roberto Duailibi.

Foi uma experiência fascinante. A DPZ havia se consolidado como a agência mais criativa do Brasil. Conquistava os mais importantes prêmios do mercado pela excelência e brilho de suas campanhas. A qualidade de seu trabalho era reconhecida internacionalmente. Nos grandes festivais internacionais de propaganda já havia se consagrado como uma das agências mais criativas do mundo.

Em pouco mais de um ano, passei a exercer

“Era convidado pela imprensa a se manifestar sobre os mais diversos assuntos. Era procurado por políticos interessados em ouvir os seus conselhos. Era figura de destaque”

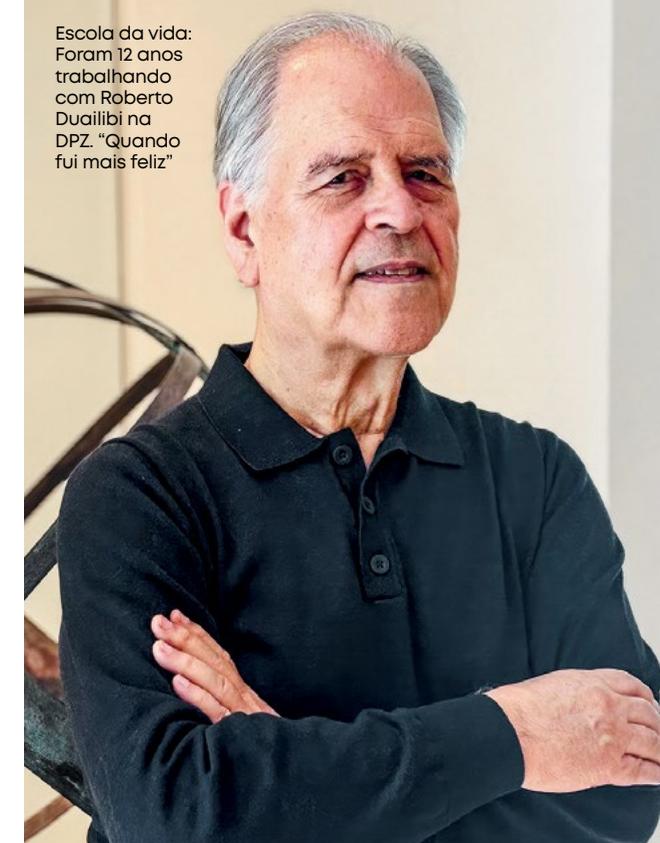
um cargo de diretoria. Meu relacionamento com Roberto Duailibi e seus sócios foi se tornando mais próximo.

O Roberto havia se tornado uma personalidade. Era convidado pela Imprensa a se manifestar não apenas sobre Marketing e Propaganda, mas sobre os mais variados assuntos. Era procurado por políticos interessados em ouvir seus conselhos. Era figura de destaque nos meios artísticos e em especial no meio literário. Recebia múltiplas homenagens.

Desfrutando do convívio com ele, fui conhecendo um ser humano excepcional, sempre atento e preocupado com a comunidade e com as pessoas à sua volta. Em uma época em que os recém introduzidos computadores raramente ultrapassavam as portas de Finanças & Contabilidade, o Duailibi foi o primeiro empresário de Comunicação que conheci a substituir a máquina de escrever pelo computador. Fascinado, estudava como as novas tecnologias poderiam aperfeiçoar cada área da atividade publicitária.

Sua filosofia, considerada por ele a razão do sucesso da agência, era baseada em 4 princípios básicos, que ele denominava “Os 4 compromissos da DPZ”. Compromisso com a Verdade, com a Originalidade, com o Bom Gosto e com a Moral nos Negócios.

Escola da vida:
Foram 12 anos
trabalhando
com Roberto
Duailibi na
DPZ. “Quando
fui mais feliz”



Hoje já afastado da Propaganda, após 50 anos de atuação na área, posso afirmar que os 12 anos que passei na DPZ foram aqueles onde fui mais feliz. Após a saída da agência, com o currículo enriquecido pelos anos de DPZ, atingi posições de destaque em outras agências, inclusive a direção geral de uma multinacional. Mas nada se comparou à satisfação pessoal, à alegria do dia a dia, ao sentimento de orgulho do trabalho com o Duailibi e com seus sócios, Petit e Zaragoza.

Mesmo após a saída, continuei mantendo relacionamento bem próximo com diversas pessoas da DPZ e em especial com o Roberto Duailibi, que considero o maior inspirador da minha carreira profissional. ■

*Carlos Leão é publicitário

“ESTAVA SEMPRE PRONTO PARA SURPREENDER”

Roberto Duailibi não apenas influenciou todo uma geração de publicitários, como deixou um legado de 70 anos como estudioso e intelectual para o futuro

POR ELENO MENDONÇA*

Morreu meu amigo Roberto Duailibi, um dos homens mais inteligentes que conheci na vida. RD, ou simplesmente o D da lendária DPZ, era um homem gentil, educado, cavalheiro, sedutor e que se impunha pela inteligência e ideias criativas.

Tinha sempre uma história para contar, sempre algo inusitado e único, com detalhes que fizeram parte da formação do país nos últimos 70 anos. Conhecia absolutamente todo mundo e tinha uma influência rara em praticamente todos

os segmentos. Era amigo íntimo de políticos, artistas, escritores e jornalistas.

Roberto era genial, tinha sempre uma solução criativa para as situações mais inesperadas. Tive com ele muitas histórias, participamos juntos de muitas empreitadas, viajamos e almoçamos e jantamos não sei precisar quantas vezes. Falávamos com frequência e nos encontrávamos quando possível. Sempre um grande momento com muitas ideias e projetos.

Com quase 90 anos era um jovem nos pensamentos e nas mensagens que passava. Mesmo com os problemas sérios de saúde não se abatia e estava sempre pronto para surpreender. Não tinha vez que não conversávamos sobre

“Uma vez comprei uma picape enorme e parei na frente da DPZ. Quando desci do carro ele veio sorrindo e me disse: ‘Finalmente você comprou um carro para carregar seu ego’”

política e projetos de comunicação.

Fizemos juntos muita coisa bacana no campo da propaganda, livros, gestão de crises. Era um prazer estar ao seu lado e contar com seu bom gosto único e bom humor refinado. Ele perdia o amigo, mas não a piada. Uma vez comprei uma picape enorme e parei na frente da DPZ. Quando desci do carro ele veio sorrindo e me disse: finalmente você comprou um carro para carregar seu ego.

Sou um homem realizado profissionalmente. Quando fui para a DPZ, onde fiquei por dez anos como diretor de Comunicação e Relações Governamentais, tive a honra de dividir o mesmo ambiente com o trio mais sensacional que a propaganda produziu: Francesc Petit, José Zaragoza e Roberto Duailibi. Cada qual com seu jeito e personalidade. Aprendi muito com eles ao longo dos dez anos de convivência.

Uma história que só acabou com a venda da DPZ.

Mas segui próximo dos três até o fim de suas existências.

Essa foto foi a minha primeira ação na DPZ. Havia no mercado um certo mistério sobre o relacionamento e a proximidade dos três. Eu queria desmistificar isso. Por isso sugeri e produzi essa foto, na verdade um ensaio dos



Mendonça lembra, sobretudo, do bom gosto e do humor refinado de Roberto. “Perdia o amigo, mas não perdia a piada”

três. Roberto brincava: “Somos como os Rolling Stones, só nos reunimos para shows e para gravar, essa é a razão do nosso sucesso e da longevidade de nossa sociedade”.

Na verdade, os três eram diferentes e se completavam. Na real eles se amavam, se orgulhavam uns dos outros e tinham o que hoje é cada vez mais raro: um profundo respeito entre eles.

Roberto deixa um legado muito maior que seus livros, deixa suas ideias e em todos que com ele conviveram um profundo respeito. Para ele não havia causa perdida, sempre era possível encontrar uma saída. Isso nos aproximou muito.

Siga em paz, meu amigo. ■

*Eleno Mendonça é jornalista

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“CRIAMOS CAMINHOS QUE ATÉ HOJE SÃO TRILHADOS”

Amigos unidos pela origem árabe, pelo trabalho, pelas ideias e pela procura de soluções realizadoras e produtivas

POR RUBENS HANNUN*

Tive o enorme privilégio de conhecer e conviver com Roberto Duailibi. A vida nos proporcionou encontros e trabalhos conjuntos memoráveis em que aprendi muito e cresci.

Conhecer e conviver com Roberto Duailibi pessoal e profissionalmente foi impagável. Profissionais de marketing e de comunicação, ambos de origem árabe - ele do Líbano e eu da Síria - fez com que tivéssemos pontos em comum nos encontrando em situações diversas, mas muito gostosas, realizadoras e produtivas.

Pudemos trabalhar juntos eu na Rhodia, hoje Solvay, e ele na DPZ. Eu executivo da multinacional, em início de jornada, e ele empresário da mais reconhecida agência de propaganda do Brasil e

um dos maiores e mais admirados publicitários brasileiros.

Nas conversas que tínhamos nesta época, nem todas amistosas, mas sempre respeitadas, eu aprendi nas divergências e nas convergências, ouvindo, debatendo, concluindo. Alguns exemplos desta época, extremamente enriquecedora para mim, foram as campanhas: “Você fala, a Rhodia escuta” e “Etiquetas de qualidade”.

Até mesmo sobre meu nome de família ele me contou. Através de sua curiosidade intrínseca procurando saber sobre sua origem e presença no mundo inteiro, se deparou com o meu nome de origem. Me lembro como se fosse hoje o carinho com que me passou as informações.

Em nossas incursões pelo mundo árabe e a defesa de nossas origens, trocamos ideais, participamos de projetos comuns, sonhamos,



criamos caminhos que até hoje são trilhados, inspiram e inspirarão.

Convidei e ele, que para minha alegria, gentil e humildemente aceitou, participar do júri que escolheria o símbolo/mascote do Esporte Clube Sírio. Até hoje, mais de 30 anos depois, essa mascote mostra sua qualidade sendo amado pelas crianças. A escolha certa!

Também foi assim na inauguração da Casa Árabe, de forma virtual, que fizemos no Fórum Empresarial Brasil Países Árabes 2019, quando da minha Presidência na Câmara de Comércio Brasil-Brasileira. Ele não teve dúvida em me acompanhar neste momento.

Falando em Casa Árabe, não posso deixar de lembrar e agradecer nossas conversas que resultaram em sua decisão de ceder, garantindo sua continuidade, à Casa através da Câmara Árabe, seu

acervo Centro de Estudos Family D, coleção de mais de 1500 peças entre mapas, publicações, vídeos etc. Hoje um dos tesouros da entidade.

De posse da maioria de seus livros até “Duailibi Essencial”, guardo a todos eles com joias de dedicatórias atenciosas, carinhosas e generosas com que me agradeceu. Sua generosidade me deu a grande alegria de ter, com seu depoimento em meu livro, sobre as relações do Brasil com os árabes, um reconhecimento único.

Exemplo de pessoa e profissional, deixa um legado que a cada dia se mostra mais importante.

Muito obrigado meu amigo e mestre Roberto, ou Duailibi, como o chamava. ■

*CEO da H2R, cônsul honorário da Tunísia e ex-presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira

FOTO: ERNESTO EILERS

“O ‘D’ DA DPZ”

Como Roberto Duailibi mais dois amigos e sócios definiram e inovaram os rumos da publicidade no Brasil. Transformando uma simples sigla em história

POR RONALDO RANGEL*

A indústria da comunicação e o mercado de publicidade seguem em permanente mutação e evolução. E grande parte da potência desse importante motor da economia do país se deve ao imenso legado deixado por grandes nomes da propaganda brasileira.

Entre esses talentos, nosso país teve a sorte de juntar aqui um trio absolutamente incomparável na história do nosso tão premiado mercado publicitário. Petit e Zaragoza, dois geniais artistas espanhóis, se uniram ao Roberto Duailibi - o melhor redator das agências de propaganda da época - e fundaram em 1968 a mítica e lendária DPZ.

Ao longo de décadas a agência foi referência máxima de excelência criativa, sendo multipremiada em todos os maiores festivais e eventos nacionais e internacionais. A DPZ sempre teve também, ao lado dos seus sócios-fundadores,

um grande número de profissionais da mais alta competência e qualidade em todas as principais áreas da agência, notadamente em Criação, Atendimento, Mídia e Produção.

A marca da DPZ está eternizada para sempre na memória e na cultura das empresas que se conectam com todo o universo da comunicação do país, principalmente na disciplina da publicidade. Os três ícones que a fundaram infelizmente já se foram, sendo que o nosso querido Roberto Duailibi nos deixou bem recentemente, em julho. Para tristeza de todos que puderam viver próximos ou ao seu lado, desfrutando de uma inteligência ímpar, de uma diplomacia incomparável e de uma educação e gentileza irretocáveis.

Estar ao seu lado ou usufruir da sua companhia, seja em que situação ou lugar fosse, era garantia de aprendizado, de se tornar um pouco mais sábio ou ainda de poder admirar in loco e ao vivo performances e histórias memoráveis.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Suas narrativas ou textos brilhantes nos davam sempre a certeza de bons momentos e conteúdos profundos. Mesmo que ditos ou escritos de formas muitas vezes fluidas e inseridas em contextos diversos. Desde um ambiente austero e formal de uma grande reunião de trabalho, seja em situações simples do dia a dia ou de um almoço mais descontraído.

Boa parte desse jeito tão especial e cativante pode ter tido origem na sua formação familiar. Pai libanês, mãe brasileira crescida também no Líbano, que vieram imigrantes para a cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul - onde Roberto

Duailibi nasceu - e se dedicaram ao comércio, em um ambiente muito solidário e familiar.

Depois que a família se deslocou para São Paulo e ao longo da infância, adolescência e início da fase adulta Roberto pôde se dedicar aos estudos e aos primeiros trabalhos. Em determinado momento, direcionou seu talento na escrita e na oratória ao mercado publicitário, que começava a se estruturar mais fortemente em torno de 1960.

De lá para cá ele não parou de nos encantar, surpreender e ter presença marcante, de maneira multifacetada, em várias frentes de negócio, corporativa e institucionalmente. Dentro ou fora

“Ele não parou de nos encantar, surpreender e ter presença marcante, de maneira multifacetada, em várias frentes de negócios. Sua contribuição era esperada e valorizada”

da agência, em empresas públicas ou privadas, sua contribuição era esperada e valorizada.

Sua leveza, bom humor e profundidade faziam dele uma pessoa querida por todos. Ainda mais quando tinham a chance de conviver com ele mais proximamente e com maior frequência.

No caso do time da DPZ-Rio de Janeiro, onde tive a sorte e o privilégio de estar por 25 prazerosos anos - de 1989 a 2014 - ele era presença assídua. Tanto na agência como nos anunciantes desse mercado e nos eventos regionais ou nacionais que eram sediados nesta cidade.

Roberto era fervoroso fã do Rio, onde sempre manteve residência própria, mesmo que a matriz e os maiores negócios e clientes historicamente fossem paulistas. Durante um bom número de anos a filial do Rio tinha importantes anunciantes da iniciativa privada e também grandes clientes do setor público. A DPZ-Rio era igualmente responsável pelas operações de duas filiais - Brasília e Vitória - que foram criadas em função da expansão nas prospecções feitas pelo time local e apoiadas pessoalmente por ele.

As vindas da letra D ao nosso escritório, onde chegamos a ter cerca de 120 colaboradores, era sempre percebida de forma leve e positiva, porque ele sempre transmitia um olhar colaborativo e,

principalmente, gentil nas interações com as pessoas.

Roberto adorava fazer um circuito no estilo one to one, sala a sala, pelo 14º andar e pela maravilhosa cobertura onde a DPZ-Rio ficou instalada por décadas, no coração da principal praça de Ipanema. E, depois dos primeiros anos, em um belo prédio antigo do bairro da Glória.

Em São Paulo, nos dias da despedida e da missa de sétimo dia do nosso mestre das palavras e frases singulares - que ele eternizou em reuniões, palestras e também em livros - muitos lembravam, em meio à tristeza da sua partida, dos alegres momentos de convívio e de algumas passagens extremamente humanas e generosas... dele.

Por mais que tenhamos vivido próximos de uma figura tão querida e exemplar, ele partiu nos deixando esse enorme legado de inteligência, carisma e gentileza, mas também surpresas lindas que poucos sabiam.

Talvez só soubessem os que acabaram se beneficiando dessa característica tão marcante e, ao mesmo tempo, tão sutil e discreta. Roberto era generoso como poucos e por muitas vezes ajudou, direta ou indiretamente, vários colaboradores com algum tipo de suporte que permitisse a solução de uma delicada situação pessoal. Seja com uma solução financeira mais imediata, seja com um caminho que viabilizasse a questão.

Sua sensibilidade no trato gentil e respeitoso com as pessoas, sua atenção com todos, seu talento múltiplo aplicado à prestação de serviços que valorizavam a ética, o bom gosto, a originalidade, a verdade e a moral nos negócios; tornaram e eternizaram a querida figura do Roberto Duailibi. Um exemplo raro - e eu diria único - de alguém com todos esses atributos.

Fica para todos nós - fãs eternos do D e também do P e do Z - um sentimento de saudade e de gratidão enorme por termos vivido esse período áureo de talento, criatividade, empatia e brilho na nossa atividade profissional.

Obrigado por tanto! ■

*Ronaldo Rangel é publicitário

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“DONO DE UMA INTELIGÊNCIA FORA DO COMUM”

Companheiro de trabalho de longa data recorda como Roberto Duailibi conquistou uma grande conta ao decidir escrever uma carta

POR DUÍLIO Malfatti*

Roberto se foi, e com ele mais um pouco da história da publicidade no nosso país. Roberto era mais do que publicitário. Era dono de uma inteligência fora do comum. Sagaz, rápido, enxergando oportunidades para fazer um bom negócio (não negando a origem). Um super exemplo disso, foi como ganhamos a conta publicitária da Avon. Certa ocasião, em um dos veículos especializados no mercado publicitário, saiu uma matéria com o presidente da Avon. Nessa matéria ele falava sobre o que era a Avon no Brasil, e no mundo, e que por estar há muitos anos sem fazer publicidade, a marca havia perdido identidade e mercado. Ele continuava dizendo que faria uma concorrência para escolher uma agência que os ajudasse a fazer a Avon voltar a ser uma marca desejada, moderna, relevante; assim como Nestlé,



Itaú, Souza Cruz, Bom Bril e algumas outras.

Roberto leu essa matéria e imediatamente escreveu uma carta (ainda se escrevia carta) para o presidente da Avon, com o seguinte texto: “Sr. Ademar, se quer uma agência que os tornem tão importantes quanto essas marcas, contrate a DPZ, que é a agência delas todas”.

Claro que não fizeram a concorrência e a conta foi para a DPZ.

Esse era o Roberto. ■

*Duílio Malfatti é publicitário

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“UMA DOAÇÃO DE VALOR INESTIMÁVEL”

A partir da curiosidade pelo sobrenome da família - suas origens e grafia - Roberto Duailibi reuniu farta documentação de reconhecida importância histórica. Hoje esse conteúdo é parte da Biblioteca da Câmara de Comércio Árabe Brasileira

POR SILVIA ANTIBAS*

Em 2021, o célebre publicitário brasileiro Roberto Duailibi doou seu acervo para a Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Esse material, batizado “Centro de Estudos Family D”, foi sendo adquirido por ele ao longo do tempo.

Segundo Roberto, tudo começou quando seu irmão conheceu uma moça de sobrenome Duailibe, com “e”. “Ficamos curiosos de saber onde estavam os outros Duailibi”, lembrou.

Há um consenso de que todos os “Duailib”, “Dawalibi”, “Dauailibi”, e escritos em outras grafias, têm a mesma origem. Isso despertou a

curiosidade de Roberto. Assim começou a ser formada toda a rede “família D”.

Em seguida, Roberto comprou livros sobre a história do Líbano, Síria, Oriente Médio e árabe em geral. Também adquiriu mapas e gravou entrevistas com os primeiros imigrantes de sobrenome Duailibi chegados no Brasil. E assim o arquivo foi crescendo.

O material estava sendo guardado em um apartamento na capital paulista. Mas o espaço ficou pequeno para o volume que o acervo tomou. Até Roberto encontrar na Câmara Árabe o lugar ideal para conservar, preservar e divulgar toda a documentação.

Conversas tiveram início entre o publicitário

e as gestões anteriores da instituição. Primeiro com o então presidente Rubens Hannun, amigo de infância de Roberto, e seguiram com o ex-presidente, Osmar Chohfi, com quem Roberto finalizou a doação e descerrou a placa que encontra-se na biblioteca indicando a presença do precioso acervo.

São mais de 1.500 peças entre livros, fotos, mapas, documentos e áudios, registrando a história da família Duailibi - de origem libanesa - e da imigração árabe no Brasil.

A doação foi formalizada em setembro de 2021, acompanhada pela bibliotecária Célia, responsável pela manutenção, catalogação e classificação do acervo, devidamente adaptado à



FOTOS: CARTA DO LÍBANO

“ Há um consenso de que todos os ‘Duailibi’, ‘Dawalibi’, ‘Dauailibi’, e escritos em outras grafias, têm a mesma origem. Assim começou a ser formada toda a rede ‘família D’ ”

DESPEDIDA A ROBERTO DUAILIBI

“O ROBERTO DE TODOS NÓS”

O homem que tocava a todos com inteligência, simpatia e simplicidade. O profissional que desempenhou seu ofício com brilhantismo. O sábio cujas ideias marcaram gerações

POR JOÃO CARLOS SILVA*



Roberto Duailibi mexeu com o Brasil. Sua inteligência foi um marco na publicidade e propaganda nacional. Fez história. Construiu pontes. Era um sábio. Sua DPZ fez muitas vibrações positivas por onde deixou sua marca.

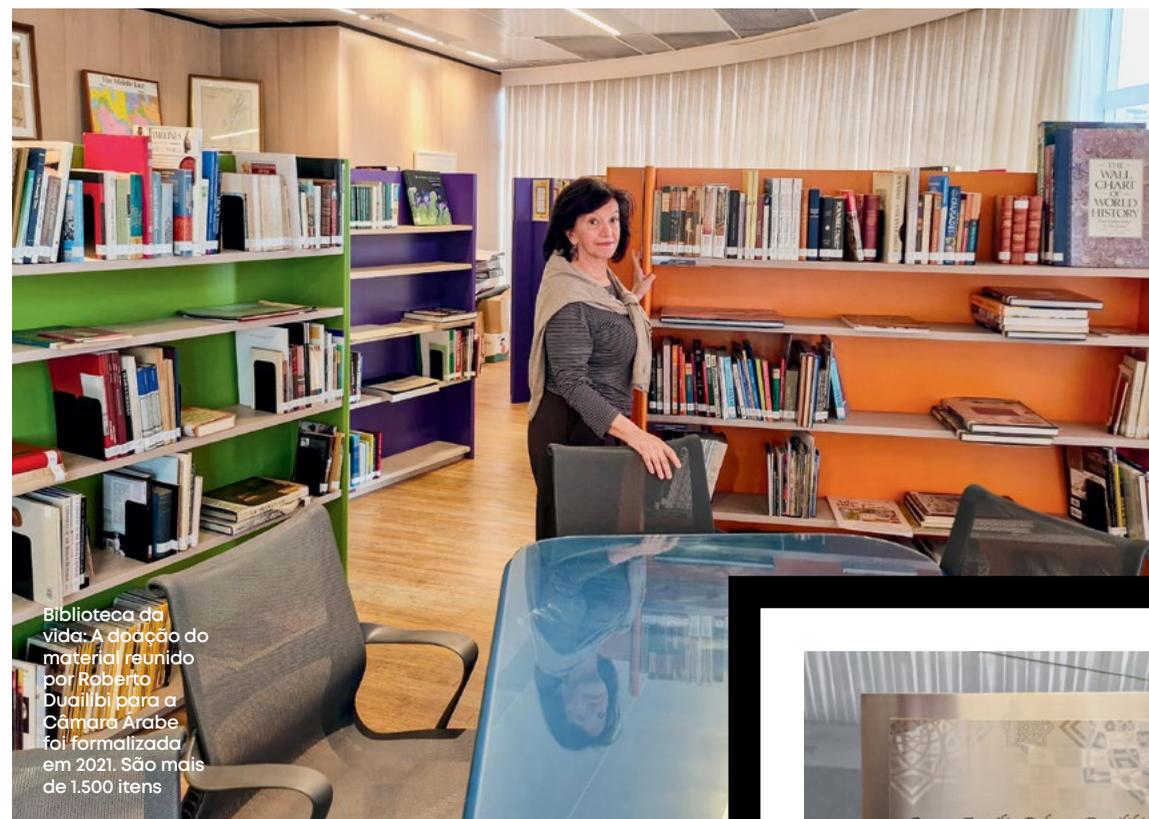
Nascido em Campo Grande (MS), nunca deixou de falar de suas raízes. Orgulho de uma cidade e de um estado. Falei em artigo nesta revista em edição sobre ele. Sempre foi muito simpático para com todos que o conheciam. Na Academia de Letras de SP deixou um forte legado. Letrado, percorreu o Brasil e o mundo espalhando sabedoria e simplicidade.

Suas ideias marcaram uma geração. Era um craque. Sua humildade compôs seu cotidiano. Seus amigos nunca o deixaram só. Roberto Duailibi era de todos nós. Um ícone que só será esquecido no dia em que Deus envelhecer.

Quando Roberto Duailibi falava com pessoas, encantava. Elegante, seu curso literário conquistava todos. Foi um gigante por toda vida. Admirado por todos do meio publicitário, literário e das comunicações. Tinha visão empreendedora. Realizava sonhos que brotavam de uma folha de papel. Isso era seu mister.

Quem não se lembra de suas memoráveis campanhas publicitárias? São marcantes e inesquecíveis. Roberto Duailibi se tornou inesquecível. O Brasil respeitava sua trajetória na publicidade e propaganda. Era nosso orgulho e um acontecimento. ■

*Articulista e consultor. Foi assessor ministerial na Presidência da República



Biblioteca da vida: A doação do material reunido por Roberto Duailibi para a Câmara Árabe foi formalizada em 2021. São mais de 1.500 itens



biblioteca da CCAB.

Quando o volume de material aumentou ainda mais, a equipe técnica da instituição e o escritório do arquiteto Ruy Ohtake realizaram estudos para um novo espaço. Incluindo um lugar para abrigar a mapoteca, que reúne um extenso conjunto cartográfico do Oriente Médio.

Esse conjunto de valor inestimável agregou uma importância ainda maior à Biblioteca da CCAB. Com doações e aquisições especializadas, oferece conteúdo sobre temas econômicos, comerciais, agrícolas, turísticos e culturais dos 22 países do mundo árabe e do Brasil.

A doação de um acervo formado com tanto amor e investimento é um ato de grande generosidade e desapego. O mesmo acontece com quem recebe. A responsabilidade de cuidar

também é enorme. Principalmente agora que Roberto Duailibi nos deixou.

O objetivo é tornar o acervo acessível para pesquisadores e curiosos. Todo esse conteúdo já se encontra disponível e integrado à sede da Biblioteca da Câmara de Comércio Árabe Brasileira.

Livros, mapas e documentos significam muito mais do que objetos de decoração. ■

*Historiadora e vice-presidente de Comunicação e Marketing da Câmara de Comércio Árabe Brasileira

FOTO: DIVULGAÇÃO

ENTRE ASPAS

“Roberto se foi, e com ele mais um pouco da história da publicidade no nosso país. Roberto era mais do que publicitário. Era dono de uma inteligência fora do comum. Sagaz, rápido, enxergando oportunidades para fazer um bom negócio”

– DUÍLIO MALFATTI

“O convívio na Academia Paulista de Letras durante dez anos, permitiu aos integrantes dessa Casa de Cultura experimentar o elevado grau de comprometimento ético e afetivo de Roberto Duailibi com a Instituição”

– JOSÉ RENATO NALINI

“Duailibi foi o primeiro empresário de Comunicação que conheci a substituir a máquina de escrever pelo computador. Fascinado, estudava como as novas tecnologias poderiam aperfeiçoar cada área da atividade publicitária”

– CARLOS LEÃOS

“Criação exige a prática da liberdade. A pessoa criativa deve primeiro libertar-se a si mesma”

– ROBERTO DUAILIBI

“Roberto Duailibi era de todos nós. Um ícone que só será esquecido no dia em que Deus envelhecer”

– JOÃO CARLOS SILVA

“Roberto era generoso como poucos e por muitas vezes ajudou, direta ou indiretamente, vários colaboradores com algum tipo de suporte que permitisse a solução de uma delicada situação pessoal”

– RONALDO RANGEL



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

Tem jeito melhor
de celebrar
os 20 anos
do Pobre Juan?